UNESP - Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Odontologia de Araraquara

Lucas Borin Moura

Avaliação tomográfica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio e validação da fisiopatologia do trauma orbitário por meio de elementos finitos

Araraquara

2018

UNESP - Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Odontologia de Araraquara

Lucas Borin Moura

Avaliação tomográfica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio e validação da fisiopatologia do trauma orbitário por meio de elementos finitos

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Odontologia de Araraquara, para obtenção do título de Doutor em Ciências Odontológicas, na Área de Diagnóstico e Cirurgia.

Orientador: Prof. Dr. Valfrido Antonio Pereira Filho

Araraquara

2018

Moura, Lucas Borin
Avaliação tomográfica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio e validação da fisiopatologia do trauma orbitário por meio de elementos finitos / Lucas Borin Moura . -- Araraquara: [s.n.], 2018
81 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Ciências Odontológicas) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Odontologia
Orientador: Prof. Dr. Valfrido Antonio Pereira Filho

1. Órbita 2. Fraturas orbitárias 3. Telas cirúrgicas 4. Análise de elementos finitos 5. Simulação por computador I. Título

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Marley C.C. Montagnoli CRB 8/5646
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Odontologia, Araraquara
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação

Lucas Borin Moura

Avaliação tomográfica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio e validação da fisiopatologia do trauma orbitário por meio de elementos finitos

Comissão julgadora

Tese para obtenção do grau de DOUTOR em CIÊNCIAS ODONTOLÓGICAS

Presidente e orientador: Prof. Dr. Valfrido Antonio Pereira Filho

2º Examinador: Profa. Dra. Marisa Aparecida Cabrini Gabrielli

3º Examinador: Prof. Dr. Marcelo Gonçalves

4º Examinador: Prof. Dr. Otacílio Luiz Chagas Júnior

5º Examinador: Prof. Dr. Philipp Christian Jürgens

Araraquara, 17 de agosto de 2018

DADOS CURRICULARES

Lucas Borin Moura

NASCIMENTO	06/07/1988 – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
FILIAÇÃO	André Luiz de Carvalho Moura Carla Borin Moura
2006-2011	Graduação em Odontologia, Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas UFPel, Pelotas-RS
2008-2011	Bolsista (MEC/Sesu) do Programa de Educação Tutorial, Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas UFPel, Pelotas-RS
2011-2011	Aperfeiçoamento em Cirurgia Oral Menor, Universidade Cruzeiro do Sul UNICSUL, Pelotas-RS
2012-2015	Residência em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas UFPel, Pelotas-RS (Bolsista MEC)
2015-2018	Doutorado em Ciências Odontológicas – Área de Concentração: Diagnóstico e Cirurgia pela Faculdade de Odontologia de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – FOAr/UNESP, Araraquara-SP (Bolsista FAPESP Doutorado Direto)
2017-2017	Doutorado sanduíche em Cirurgia Crânio-Maxilo-Facial, no Universitätsspital Basel, Basiléia, Suíça (Bolsista FAPESP BEPE - Doutorado Direto)
2018	Professor do Curso de Odontologia da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, Pelotas-RS

*Dedico este trabalho aos meus pais, **André** e **Carla**, por todo amor, inspiração e suporte.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Faculdade de Odontologia de Araraquara e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas pela oportunidade e pela estrutura para a realização desta tese, me proporcionando crescimento profissional e pessoal. Agradeço à CAPES e à Fapesp (Processos: 2015/04521-0 e 2016/01445-4) pelas bolsas e suporte.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Valfrido Antonio Pereira Filho, pela amizade e pelos ensinamentos. Agradeço pelas oportunidades e confiança durante minha trajetória, e aos ensinamentos futuros! Certamente levarei um pouco de sua experiência comigo. Muito obrigado por ser mais do que um orientador.

Aos professores Marisa Aparecida Cabrini Gabrielli, Mário Francisco Real Gabrielli, Eduardo Hochuli Vieira, Roberto Barbeiro e José Scarso Filho, muito obrigado por todo o conhecimento e pelo aprendizado no dia-a-dia. Agradeço a todos professores e funcionários do Departamento de Diagnóstico e cirurgia pelo ótimo convívio e amizade.

Ao meu supervisor, Prof. Dr. Dr. Philipp Christian Jürgens, muito obrigado por me acolher durante o período de doutoramento do exterior. Agradeço pelos ensinamentos e pela experiência vivida em Basel, a qual modificou minha visão sobre a Cirurgia Buco-Maxilo-Facial.

Agradeço aos professores, cirurgiões e residentes do Universitätsspital Basel, pela recepção e colaboração, vocês me acolheram como parte da equipe. Ao Dr. Florian Thieringer pelas oportunidades e ensinamentos.

Muito obrigado aos colegas Pedro Henrique de Azambuja Carvalho, Guilherme dos Santos Trento e Juliana Dreyer da Silva de Menezes, pela parceria durante a realização deste doutorado. Aos demais colegas e amigos dividiram suas experiências e conhecimentos.

Agradeço à Medartis e à CADFEM pela contribuição para confecção deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Moura LB. Avaliação tomográfica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio e validação da fisiopatologia do trauma orbitário por meio de elementos finitos [Tese de Doutorado]. Araraquara: Faculdade de Odontologia da UNESP; 2018.

RESUMO

Fraturas orbitárias apresentam alta prevalência, ocasionando alterações estéticas e funcionais com repercussão clínica. A severidade dos defeitos orbitários é dependente da sua extensão, morfologia e localização, sendo que as alterações do volume orbitário estão intimamente relacionadas com a presença de enoftalmia e de diplopia. Desta forma, o tratamento objetiva restabelecer a anatomia e o volume orbitário prévio ao trauma. Atualmente, o material mais utilizado para a reconstrução orbitária é a malha de titânio convencional, sendo que a combinação de outras técnicas, como assistência por endoscopia e utilização de biomodelos, pode otimizar o tratamento. Em relação à fisiopatologia do trauma orbitário, dois mecanismos estão historicamente estabelecidos, mecanismo hidráulico e trauma direto ao rebordo orbitário. Entretanto, o completo entendimento das características da distribuição de forças de cada mecanismo ainda não está esclarecido. Desta forma, este trabalho teve o objetivo de realizar uma análise tomográfica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio convencionais; confeccionar um modelo digital da cavidade orbitária para a simulação dinâmica dos mecanismos de trauma orbital; e reportar a otimização do tratamento de fraturas orbitárias pela associação de técnicas com endoscopia transantral e biomodelos.

Palavras-chave: Órbita. Fraturas orbitárias. Telas cirúrgicas. Análise de elementos finitos. Simulação por computador.

Moura LB. Tomographic evaluation of unilateral orbital fractures treated using titanium mesh and validation of orbital trauma pathophysiology by finite element analysis [Tese de Doutorado]. Araraquara: Faculdade de Odontologia da UNESP; 2018.

ABSTRACT

Orbital fractures are high prevalent, and result in aesthetic and functional impairments. The severity of orbital defects is related with the extension, morphology and location. The orbital volume changes are intimately associated with the presence of enophthalmos and diplopia. Therefore, the treatment must reestablish the orbital anatomy and volume. Presently, the most applied material for orbital reconstruction is the conventional titanium mesh, and the association of other techniques, such as endoscopic assistance and the use of printed models, can optimize the treatment. About the orbital trauma pathophysiology, two mechanisms are historically established – hydraulic and buckling mechanisms. However, the complete understanding of the features of stress distribution of each mechanism are not clear. Thus, the aim of this work is to perform a tomographic evaluation of unilateral orbital fractures treated with conventional titanium mesh; to create a digital model of the orbital cavity for a dynamic simulation of the mechanisms of orbital trauma; and to report the optimization of treatment of orbital fractures by the association of techniques, with transantral endoscopy and printed model.

Key-words: Orbit. Orbital fractures. Surgical mesh. Finite element analysis. Computer simulation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

A cavidade orbitária é uma estrutura piramidal bilateral localizada na região de terço médio facial, que apresenta como função a contenção do aparelho lacrimal, do globo ocular e de suas estruturas adjacentes, como músculos, nervos e vasos. Anatomicamente sete ossos são responsáveis pela composição das paredes orbitárias, sendo a parede superior formada pelos ossos frontal e esfenoide; a parede medial pelos ossos etmoide, esfenoide, lacrimal e maxila; a parede inferior ou assoalho da órbita pela maxila, zigomático e palatino; e a parede lateral por zigomático e esfenoide[1]. Este conjunto de paredes delimita o volume orbitário permitindo a correta posição e projeção do globo ocular[2].

Os traumatismos faciais na região orbitária podem gerar fraturas destas paredes com consequentes defeitos ósseos e alterações clínicas. Em geral, eles são verificados em associação à fratura do complexo zigomático-orbitário, fraturas complexas da face ou, ainda, como fraturas isoladas de blow-out ou blow-in[3]. Estes defeitos acarretam em alterações do volume do continente orbital devido à expansão da cavidade orbitária ou sua redução[4]. As fraturas orbitárias representam mais de 40% das fraturas de terço médio facial[5, 6], e essa alta prevalência está relacionada com as características anatômicas da órbita e a presença de paredes ósseas finas, que aumentam a suscetibilidade aos traumatismos e, consequentemente, às fraturas[1].

O primeiro relato de uma fratura isolada de parede orbitária foi descrito por Smith, Regan[7], em 1957, no qual foi apresentado um caso de deslocamento do assoalho orbital para o interior do seio maxilar sem a presença de fratura do rebordo infraorbitário, este tipo de fratura foi denominado como blow-out[4, 7]. Basicamente, existem dois mecanismos que podem explicar esta injúria, primeiramente esta fratura pode ocorrer devido a um impacto direto sobre o rebordo orbitário, o qual é transmitido para a parede orbital adjacente gerando a fratura. Mas também, esta fratura pode ocorrer devido a um mecanismo hidráulico, em que é observado um trauma direito sobre o globo ocular gerando um aumento abrupto da pressão interna da órbita, provocando assim, o contato das estruturas orbitárias com a parede orbital e causando a fratura[8, 9].

Ainda, Dingman, Natvig[10] descreveram a fratura conhecida como blow-in. Os autores apresentaram um caso de trauma na região de seio maxilar, que por meio de um mecanismo de pressão pneumática, gerou aumento da pressão do interior do seio e deslocou superiormente o assoalho orbitário para o interior da órbita, não afetando o rebordo infraorbitário[4, 10].

O assoalho orbitário e a parede medial são as regiões mais frequentemente lesadas[8], sendo que as fraturas combinadas destas regiões ocorrem mais comumente do que a fratura isolada das paredes orbitárias, e causam um comprometimento da estrutura ínfero-medial na junção etmoide-maxilar promovendo um aumento do volume orbitário[11]. Já a parede lateral é dependente da fratura do complexo zigomático e a sua reconstrução está relacionada ao correto reposicionamento anatômico deste complexo[9].

As fraturas das paredes orbitais podem apresentar defeitos com uma variedade de morfologias e extensão, que estão relacionados ao mecanismo e à força do traumatismo. Conforme descrito, dois mecanismos clássicos da fisiopatologia do trauma orbitário são reportados na literatura: mecanismo hidráulico e trauma direto ao rebordo orbitário. O primeiro está associado a um traumatismo ao globo ocular e aumento da pressão interna da cavidade orbitária resultando na sua fratura, o segundo está relacionado ao trauma direto sobre o osso e à propagação de forças sobre as paredes orbitárias[9]. Embora estes mecanismos estejam historicamente estabelecidos, eles continuam sendo tópicos de discussão na literatura[12]. Estudos em cadáveres descrevem que a força necessária para ocasionar fratura por meio do mecanismo hidráulico é dez vezes maior do que a força necessária pelo mecanismo de trauma direto ao rebordo. Ainda, o padrão de fratura é dependente do tipo da mecânica do trauma, sendo que o trauma direto ao rebordo resulta em fraturas nas regiões anterior e média do assoalho orbitário, sem o envolvimento da parede medial ou herniação de tecidos moles. Enquanto que fraturas decorrentes do mecanismo hidráulico podem se estender para a região posterior e parede medial, e frequentemente estão associadas com herniação de tecido mole para dentro do seio maxilar[13]. Atualmente, para melhor entendimento dos mecanismos de trauma e padrão de fraturas, tem-se lançado mão de simulações de traumatismos em modelos digitais pela análise tridimensional por meio de elementos finitos[12, 14, 15].

Nagasao et al.[15] realizaram estudo em elementos finitos sobre o padrão de fraturas de acordo com a localização e distribuição de forças. Os autores confeccionaram dez modelos por CAD a partir do escaneamento de crânios secos e verificaram quatro padrões de trauma: (A) força de 1,2J sobre o globo ocular –

mecanismo hidráulico; (B) força de 0,8J sobre o globo ocular e 0,4J sobre o rebordo infraorbitário; (C) força de 0,8J sobre o rebordo infraorbitário e 0,4J sobre o globo ocular; (D) força de 1,2J sobre o rebordo infraorbitário – mecanismo de trauma direto. Os autores verificaram que os padrões A e B resultaram em regiões de stress menores localizadas na parede medial, e que os padrões C e D resultaram em forças de stress no assoalho orbitário e região ínfero-medial de órbita, sendo que o padrão C apresentou a maior área de stress para fratura.

Schaller et al.[12], a partir dos exames tomográficos de um paciente hígido, segmentaram o esqueleto facial e incluíram um globo ocular artificial (em contato com as paredes orbitárias) para simulação de trauma orbitário. Os autores simularam o impacto de um peso de cobre sobre globo ocular, rebordo infraorbitário e a combinação destes sítios. Foi verificado que o mecanismo hidráulico concentrou forças sobre a região anterior e ínfero-medial da órbita, o trauma ao rebordo orbitário resultou em forças de stress na região posterior do assoalho orbitário, a combinação de traumas na região ínfero-medial de órbita, em terço médio anteroposterior.

Desta forma, o completo entendimento da biomecânica das fraturas orbitárias não está esclarecido, embora, a ação dos mecanismos de pressão hidráulica e trauma direto ao rebordo orbitário sobre o tecido ósseo estejam bem definidos[12-15]. Não há estudos que avaliem a estrutura orbitária como um todo, incluindo os tecidos muscular, adiposo e globo ocular.

A avaliação da severidade de um traumatismo orbitário dependerá dos seguintes fatores: o tamanho do defeito, a sua localização, o número de paredes envolvidas e a dificuldade técnica para a reconstrução. Defeitos pequenos, localizados na região anterior do assoalho orbitário, apresentam pouca influência na posição do globo ocular e na sintomatologia. Porém, defeitos com comprometimento da região póstero-medial, geram um aumento do continente orbitário resultando em enoftalmia e diplopia[3, 16]. Defeitos ósseos que envolvam todo o assoalho orbitário, compreendendo a fissura orbitária inferior e/ou região posterior de órbita, representam um desafio para o tratamento, pois os acessos cirúrgicos devem expor as margens não envolvidas do defeito ósseo, a fim de estabilizar os materiais de reconstrução[3].

O tratamento das fraturas orbitárias envolve o restabelecimento estético e funcional, a reconstrução da cavidade orbitária deve restaurar o volume e a anatomia orbitária[1, 5, 17, 18], sendo que a simetria orbitária não deve ser reestruturada em apenas um plano facial, devendo incluir a posição do globo ocular, a redução das fraturas ósseas e a correção dos tecidos moles, como a musculatura extraocular e o ligamento cantal[19-21]. Outros fatores relacionados às dificuldades técnicas da reconstrução orbitária são a necessidade de acessos cutâneos que podem gerar cicatrizes e a atrofia da gordura e da musculatura orbitária, que podem necessitar de correções secundárias tardiamente[18, 20, 22].

É importante observar que mesmo após o tratamento destas lesões, uma alta e variável porcentagem de sequelas e complicações são encontradas, podendo destacar: a diplopia, a enoftalmia persistente e a hipoestesia de nervo infraorbitário[23].

A hipoestesia do nervo infraorbitário está relacionada com a lesão direta ao nervo devido ao traumatismo, ou indiretamente devido ao deslocamento da fratura, estando presente entre 7% e 59% dos casos de fratura orbitária[24].

As alterações no volume orbitário e nos tecidos moles, após traumatismo ou correção cirúrgica, podem gerar enoftalmia e diplopia[2, 18]. Os mecanismos que resultam nestas alterações incluem a perda do suporte dos ligamentos, contratura cicatricial, atrofia de gordura orbitária, herniação dos tecidos moles para o seio maxilar e o aumento do volume orbitário ósseo[25].

A diplopia está relacionada com a presença de enoftalmia e ocorre devido a uma posição inadequada do globo ocular, ao volume orbitário alterado ou a um aprisionamento da musculatura ocular. Como consequência, ocorre um distúrbio na mobilidade ocular gerando a visualização de imagens duplicadas[3, 8, 20]. Ela é observada entre 20% e 42,5% das fraturas isoladas de assoalho orbital e acima de 86% das fraturas complexas envolvendo múltiplas paredes ou o terço posterior do assoalho orbital[24].

A enoftalmia ocorre entre 7% e 27,5% das fraturas orbitárias, devido à alteração da relação entre o volume orbitário e o seu conteúdo, ocorrendo o afundamento do globo ocular em sua projeção anteroposterior, por conseguinte a presença de enoftalmia acarretará diplopia[24, 26]. É verificado que o aumento do volume orbitário apresenta uma maior correlação com a presença de enoftalmia do que as alterações no tecido adiposo orbitário[5, 25]. Logo, na reconstrução primária, o cirurgião tem o papel de restaurar a forma (volume) e função orbitária adequadamente, caso contrário, o alargamento e a deformação poderão resultar em enoftalmia e diplopia[19, 20]. Sabe-se que a cada centímetro cúbico aumentado resulta em 0,89mm de enoftalmia[8, 27].

A correção cirúrgica de enoftalmia é um desafio clínico, visto que resultados satisfatórios são encontrados em apenas 50% a 58% dos pacientes[8, 28]. Além das dificuldades técnicas e de reconstrução dos tecidos ósseo e mole, observa-se que em pacientes não-traumatizados existe uma diferença entre os volumes orbitários entre 7% e 8%[29, 30].

Conforme descrito previamente, os defeitos orbitários resultam em alterações volumétricas comumente relacionadas com o aumento da cavidade orbitária[3, 8, 11, 16, 19, 27, 31, 32]. Devido a importância do volume orbitário no desenvolvimento destas alterações clínicas, as alterações volumétricas são foco de constante análise na literatura. O primeiro estudo que analisou a influência do volume orbitário sobre a severidade do enoftalmo foi realizado por Bite et al.[33] em 1985. Os autores compararam, por meio de tomografia computadorizada, a órbita íntegra e fraturada quanto ao volume dos componentes orbitários e verificaram uma relação positiva entre o aumento do volume orbitário com o enoftalmo, sendo que o volume das demais estruturas orbitárias foi semelhante entre as órbitas[33].

Tahernia et al.[9] avaliaram os exames tomográficos pré-operatórios de 45 pacientes portadores de fraturas isoladas do assoalho orbitário e verificaram um aumento médio do volume orbitário de 28,3%. Os autores concluíram que um aumento de 20% do volume orbitário é um parâmetro tomográfico que indica a necessidade de intervenção cirúrgica.

Oh et al.[17] verificaram as alterações volumétricas da cavidade orbitária em fraturas isoladas de órbita. Os autores avaliaram três grupos de acordo com a localização das fraturas: (A) assoalho orbitário, (B) assoalho e parede medial e (C) parede medial. Verificaram que o maior aumento volumétrico pré-operatório ocorreu no grupo B, seguido pelo A e C. Após o tratamento cirúrgico todos os grupos apresentaram diminuição do volume orbitário, entretanto a órbita reconstruída permaneceu aumentada em relação à íntegra. Ainda, os autores realizaram avaliação da posição do globo ocular por meio de exoftalmômetro de Hertel, entretanto sem diferenças significativas entre os dois períodos.

Kim et al.[34] compararam o volume orbitário em 44 pacientes portadores de fraturas orbitárias tratadas por meio de implantes de polietileno poroso associados ou não com malhas de titânio. Os autores verificaram que ambos materiais foram efetivos para o reparo dos defeitos ósseos.

Jin et al.[35] avaliaram a relação entre a extensão do defeito ósseo e o grau de enoftalmia em pacientes portadores de fraturas de parede medial de órbita. Os autores analisaram os exames tomográficos pré-operatórios de nove pacientes, e verificaram que a cada 0,9 cm^3 de tecido herniado resultou em 2 mm de enoftalmo. Concluíram assim, que um aumento do volume orbitário em 0,9 cm^3 é um fator indicativo de tratamento cirúrgico.

Han et al.[36] analisaram os desfechos de fraturas de assoalho orbitário e/ou parede medial tratadas por acesso subciliar ou pela associação de acesso subciliar e transcaruncular. Os autores não identificaram diferenças entre o tempo cirúrgico, complicações e reestabelecimento do volume orbitário entre os dois acessos. Assim, concluíram que o reestabelecimento do volume orbitário é independente do acesso cirúrgico utilizado, desde que o mesmo tenha indicação.

Zavattero et al.[37] compararam 30 fraturas orbitárias tratadas com auxílio de navegação intraoperatória e 25 fraturas tratadas convencionalmente. Como resultado, observaram que a redução do volume orbitário foi alcançada no grupo com auxílio de navegação, enquanto que o grupo tratado pelo método convencional não restabeleceu o volume adequadamente. Os autores concluíram que a navegação transoperatória é um método viável para otimização do tratamento de fraturas orbitárias. Entretanto, a navegação intraoperatória não se encontra difundida globalmente nos centros cirúrgicos, sendo o tratamento convencional o mais utilizado mundialmente para a reconstrução orbitária, em geral por meio do conhecimento anatômico da cavidade orbitária e malhas de titânio[38, 39].

Para diagnóstico, avaliação e planejamento cirúrgico das fraturas orbitárias, o exame de escolha é a tomografia computadorizada, pois disponibiliza detalhada informação sobre tamanho, localização e severidade dos defeitos, além de permitir a visualização do aprisionamento de tecidos moles[8, 20, 23]. Para tratamento, inúmeros materiais e tecnologias podem ser utilizados, incluindo modelos estereolitográficos, implantes pré-fabricados de titânio/biocerâmicas por meio de CAD/CAM, técnica de espelhamento e impressão tridimensional e navegação intraoperatória[19, 21]. Entretanto, a malha de titânio convencional ainda é o material mais utilizado para a reconstrução orbitária, devido ao seu custo e disponibilidade. Desta forma, necessita-se que o cirurgião tenha a capacidade de reconstruir adequadamente a anatomia/volume orbitário baseado nos conceitos cirúrgicos já bem descritos na literatura[38, 39].

Portanto, devido à complexidade do tratamento de fraturas orbitárias e à alta prevalência de complicações decorrentes da alteração anatômica, este estudo objetivou avaliar o volume orbitário e a posição anteroposterior do globo ocular após o tratamento de fraturas unilaterais por meio de malhas de titânio; validar a fisiopatologia destas lesões em um modelo digital que compreenda todos os tecidos envolvidos; e reportar a otimização do tratamento de fraturas orbitários pela associação de técnicas com endoscopia transantral e biomodelos.

2 PROPOSIÇÃO

O presente estudo teve por objetivo:

Artigo 1 – Avaliar, por meio de tomografias computadorizadas, o volume e a posição anteroposterior do globo ocular em fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malha de titânio;

Artigo 2 – Confeccionar um modelo digital da cavidade orbitária e realizar a simulação dinâmica dos mecanismos de trauma orbitário;

Artigos 3 e 4 – Reportar a otimização do tratamento de fraturas orbitárias pela associação de técnicas com endoscopia transantral e biomodelos.

3 ARTIGO 1 – Tomographic evaluation of unilateral orbital fractures treated by titanium mesh*

Volumetric evaluation of orbital fractures treated by titanium mesh

Short title: Volumetric evaluation of orbital fractures

Lucas Borin MOURA[a], Rubens SPIN-NETO[c], Philipp Christian JÜRGENS[b], Marisa Aparecida Cabrini GABRIELLI[a], Valfrido Antonio PEREIRA-FILHO[a]

[a] Department of Diagnosis and Surgery, School of Dentistry, São Paulo State University (Unesp), Araraquara, Brazil

[b] Department of Cranio-Maxillofacial Surgery, University Hospital Basel, University of Basel, Basel, Switzerland

[c] Department of Dentistry and Oral Health, Section of Oral Radiology, Faculty of Health, Aarhus University, Aarhus, Denmark

Key-words: Orbit. Orbital fractures. Surgical mesh.

Funding source: This study was supported by the Foundation for Research Support of São Paulo (FAPESP), processes 2015/04521-0 and 2016/01445-4.

Corresponding author full address:

Lucas Borin Moura

Department of Diagnosis and Surgery, School of Dentistry, Araraquara

São Paulo State University (Unesp)

Humaitá St. 1680, 14801-903, Araraquara, São Paulo, Brazil

E-mail: lucasbmoura@gmail.com

**Artigo formatado para envio a revista: International Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*

Abstract

This study aims to evaluate orbital volume and anteroposterior eyeball position in orbital fractures treated by titanium mesh. This multicenter study evaluated 60 postoperative CT scans of unilateral orbital fractures treated using titanium mesh. Orbital defects were classified according to the extension and involved regions, and the orbital volumes were analyzed by two methods, image sectioning (IS) and computerized segmentation (CS). The eyeball position was obtained from the axial slice in the mid orbit region. Differences up to 8.0% (volume) and 2.0 mm (eyeball position) were considered normal. Most of defects were class II (n=25) and class III (n=26). Volumetric differences between unaffected and reconstructed orbit ranged from -7.15% to 10.46% (mean: -0.15%), and from -6.32% to 9.69% (mean: -0.01%) in IS and CS method, respectively. In both methods, two reconstructions were greater than anatomical differences, however there was no statistical differences between the orbits in both methods, IS (p=0.852) and CS (p=0.987). Anteroposterior eyeball position ranged from -0.9 mm to 1.8 mm. The correlation between defect classification, eyeball position and IS or CS, were not positive. In conclusion, regardless of the extent of the orbital defect or evaluation method, fractures treated by titanium mesh reestablished adequately the orbital volume.

Key-words: Orbit; Orbital fractures; Surgical mesh.

Introduction

Orbital fractures are common and its prevalence exceeds 40% of the midface fractures[1-3]. The most involved regions are the orbital floor and the medial wall, in combination or isolated[4]. The associated defects lead to orbital volume changes, due to expansion or reduction of the orbital cavity[5], and its morphology and extension are determined by force and mechanism of injury. The severity of an orbital defect depends of its size, location, number of involved walls, and technical difficult to treatment[6, 7].

The presence of orbital defects and consequent orbital volume enlargement lead to clinical symptoms, particularly diplopia and enophthalmos due to incorrect eyeball position[4, 8-11]. Consequently, the treatment must restore the orbital volume and anatomy, based in the tridimensional position of bones, eyeball and soft tissues[2, 12-15].

Nowadays, there are several technologies to improve orbital reconstruction, including: pre-bended implants; stereolithographic models; CAD/CAM customized implants; and intraoperative navigation systems[14, 16]. However, those resources present considerable cost, learning curve, and are not available as a routine in most of hospital centers. Thus, standard titanium mesh is widely used, and the surgeon need to be able to adequately reconstruct orbital volume and anatomy based in surgical concepts[17, 18].

Therefore, due to the complexity of the orbital reconstruction, the aim of this study was to perform a tomographic evaluation of orbital fractures treated using standard titanium mesh, and compare two methods of volumetric analysis.

Materials and Method

The present retrospective multicenter study was approved by the Research Ethics Committee of the School of Dentistry of Araraquara – São Paulo State University, Brazil (CAAE: 44029115.9.0000.5416) and followed the STROCSS statement[19] (Strengthening the Reporting of Cohort Studies in Surgery).

CT scan of patients with unilateral orbital fractures from the department of Diagnosis and Surgery, School of Dentistry, São Paulo State University (Unesp), Brazil, and from the department of Cranio-maxillofacial Surgery, University Hospital Basel, Switzerland, were screened from medical records.

The adopted inclusion criteria were: unilateral and isolated orbital fractures; treated by standard titanium mesh; treated using subciliary and/or coronal approaches; with a six-month postoperative CT scan. Patients with presence of bilateral orbital fractures; combined facial fractures; syndromic; history of previous orbital trauma or surgery; and treated with customized/pre-bended titanium mesh or bone grafts were excluded.

CT scan evaluation

The analyzed CT scans were volumetric, obtained in the late postoperative period (six months after treatment), and stored according to the DICOM protocol on a 14-bit gray scale with a 0.25mm (voxel size) resolution, thereby allowing the different analyses.

The orbital defects were classified according to the number of involved walls and by Jaquiery et al[7] (2007) classification, which determine the severity of the defect regarding to size, extension and location. This classification was performed in two moments by a single trained researcher (LBM) with an interval of 30 days between them (Kappa coefficient: 0.921). Any disagreements were reviewed and solved by further discussion with an expert researcher (VAPF). The volumetric evaluation of the orbital cavities (unaffected and reconstructed) was performed by two methods: image sectioning (IS) and computerized segmentation (CS).

Volumetric Evaluation by Image Sectioning

DICOM data of each patient was imported into the software OnDemand 3D 1.0.10.5385 (Cybermed, South Korea) and the volume reconstructed to generate two-dimensional images of the area of interest in a standardized way (bilateral orbits). The image display contrast was standardized (W=3086 and L=667). The volumes were reoriented to standardize the head position of all patients. Continuous images with 1-mm thickness were obtained from the coronal slices and exported as TIFF image (96 dpi resolution). The first coronal section was the one in which the bone structure of the orbital rim can be observed as a whole (Figure 1A). The posterior limit was defined by the disappearance of any structure of the orbital cone. For calibration, each image had a 2-cm ruler spaced every 1-mm.

The TIFF images of each patient were imported to Image J 1.51 (National Institutes of Health, United States) and a single calibrated researcher (LBM) traced the orbital limits manually with the help of the graphic table Wacom Intuos CTL-480 (Wacom, United States). Based on Cavalieri's principle, the sum of areas of the images results in a volume. For evaluation of intraobserver reproducibility 30% of the sample was assessed in duplicate (ICC: 0.846).

Volumetric Evaluation by Computed Segmentation

The DICOM data was imported to Osirix 5.6.32 (Pixmeo, Switzerland). Initially, the head position was standardized using MPR function similarly to the IS method. Then, the Region of Interest (ROI) was limited on the coronal slices, every 4 mm. Again, the first coronal section was the one in which the all bone structure was observed, and the posterior limit the disappearance of any structure of the orbit. Therefore, the orbital volume was generated automatically and recorded (Figure 1B). After this step, each coronal slice was reviewed and any ROI distortion was manually corrected (Figure 1C), and the orbital volume was calculated again. Thirty percent of the sample was analyzed in duplicate for evaluation of intraobserver reproducibility evaluation (ICC: 0.913).

Anteroposterior eyeball position evaluation

DICOM data previous imported into Osirix software were selected in the axial section in the middle of the orbit. To determine the anteroposterior position of the eyeball, the distance from a perpendicular line to that formed laterally between the zygomatic lateral areas in the central section of the eyeball, in which the optic nerve was visualized were measured[20] (Figure 1D). For evaluation of intraobserver reproducibility, 30% of the sample was assessed in duplicate (ICC: 0.966)

Sample Size

Sample size calculation was based on literature data stating that differences of up to 8% in volume are thought to be anatomical[21]. Consequently, higher than 8%

changes in volume are sufficient to determine a significant difference between the unaffected and reconstructed orbits. Therefore, we had assumed a standard deviation around 10%, as previously suggested in literature[22], and 60 CT scans was sufficed to provide a sample with 80% statistical power in a "non-inferiority" model[23].

Data evaluation and Statistical analysis

The orbital volume was measured until the end of the titanium mesh and the complete orbit. Then the volume between orbits and anteroposterior eyeball position were compared. Differences up to 8% in volume[21, 24] and up to 2 mm in eyeball position[20] were considered normal. Statistical analysis was performed to compare unaffected and reconstructed orbit, IS and CS methods, in the software IBM SPSS Statistics 18.0 (IBM, United States). When data distribution was normal, a paired t-test was performed; when the data had non-normal distribution, Wilcoxon test was performed. To correlate volumetric data, defect classification, and anteroposterior eyeball position Pearson correlation coefficient were obtained. To compare IS and CS methods a t-test was applied. In all cases, a 95% confidence interval was considered.

Results

This study included 60 patients with unilateral orbital fractures treated by titanium mesh. Of them, 47 were male and 13 female (ratio 3.6:1). The mean age was 46.27 (SD: 20.52 years), from 16 to 89 years. Regarding to defect classification, 83.3% involved only one orbital wall (n=50) and 16.7% two orbital walls (n=10). The most affected region was the orbital floor (70.0%), followed by the combination of orbital floor and medial wall (16.7%), and isolated medial wall (13.3%). About defect severity[7], 85% of the cases showed Class II and Class III defects, most of them in isolated orbital floor fractures. Class V defects were not found (Table 1).

In IS method, there was no statistical differences between unaffected and reconstructed orbits, in complete volume (p=0.852) and until the end of the mesh (p=0.320) (Table 2, Figure 2). Therefore, this result demonstrates the treatment using titanium mesh reestablished the orbital volume. The changes between orbital volumes varied from -7.15% to 10.46% (mean: -0.15%; SD: 3.96%), only two cases did not respect the anatomical differences of 8%. The comparison between volume changes of complete orbit and of until the end of the mesh was not statically significant (p=0.070).

Is CS method, there were three evaluated orbital volumes: pre-correction, post manual correction, and until the end of the mesh. There were no statistical differences between unaffected and reconstructed orbits in pre-correction (p=0.987), post manual correction (p=0.902), and until the end of the mesh (p=0.953) (Table 2, Figure 1). Thus, the treatment reestablished the orbital volume. Volume changes between orbits varied from -6.32% to 9.69% (mean: -0.01%; SD: 3.88%). Again, the same two cases did not respect the anatomical differences of 8%. The comparison between volume changes of complete orbit and of until the end of the mesh was not statically significant (p=0.200).

The anteroposterior eyeball position showed all measurements within anatomical differences of 2 mm. The measurements varied from -0.9 mm to 1.8 mm (mean: 0.35 mm; SD: 0.59). Pearson's correlation test between defect severity, orbital volume changes, and anteroposterior eyeball position were not statistically significant (Table 3). Also, the comparison between IS and CS was not statistically significant, unaffected orbit (p=0,630) and reconstructed orbit (p=0.641).

Discussion

Orbital fractures are common in facial trauma and results in important clinical changes regarding to aesthetics and function[3, 25]. Among the complications, highlight enophthalmos – due to increased orbital volume or tissue atrophy – and diplopia – due to inadequate eyeball position, increased orbital volume or muscle entrapment[7, 15, 26]. Thus, the main complications of orbital fractures are related with orbital volume and eyeball position.

Orbital defect extension and severity has an important role correlated with volumetric changes and clinical symptoms[7, 27]. The number of involved walls, region and size of defect determine the severity of the fracture. In this study, most of fractures showed Class II and Class III defects, 41.6% and 43.3% respectively, and were localized in orbital floor and/or medial wall. Those defects are commonly found in high energy trauma indirectly to the eyeball[7, 28].

Due to adopted inclusion and exclusion criteria only orbital floor and/or medial wall fractures were analyzed. From the sample, 83.4% of the cases presented one wall fracture (70.1% orbital floor and 13.3% medial wall), and 16.6% the combination of orbital floor and medial wall fractures. Oh et al.[13] examined a similar sample composed by orbital floor and/or medial wall fractures. The authors analyzed the orbital volume at two moments, pre- and postoperatively, and observed that combined fractures had the major volumetric enlargement preoperatively. After the surgical treatment, all fractures showed a decreased volume, however just the isolated medial wall fractures had differences between orbits minor to 8%. Volumetric studies in health patients report that the orbital volumes are not symmetric, and the differences up to 8% are normal without clinical changes[21, 24]. Thus, we considered 8% differences a reasonable volumetric outcome after orbital reconstruction. In our sample, although combine fractures showed major volumetric differences, just two cases showed volumetric enlargement higher than 8%, one case of isolated medial wall fracture and other of isolated orbital floor fracture. Those cases did not respect the orbital anatomy and contour.

The unaffected orbital cavity can be defined as control parameter due to non-significant differences between the orbital volumes. Eventual differences may occur due to anatomical changes and to errors during image acquisition[10, 13, 22]. Also, in non-syndromic patients, differences up to 8% are considered within anatomical parameters[21, 24].

In previous studies, the preoperative orbital volume evaluation was applied to establish parameters to indicate the need of surgical treatment[27, 29, 30]. Being verified that the surgical treatment is dependent of the enlargement of orbital volume, the damage to bone structures, presence of enophthalmos, and soft tissue displacement[29]. Therefore, the treatment aim to restore three-dimensionally the anatomy in order to obtain the orbital volume prior to trauma[25, 26].

In this study, the postoperative orbital volume was evaluated by two methods, CS and IS. The comparison between methods was not statistically significant, therefore both methods are feasible to calculate the orbital volume with similar results. Besides, in both methods, there was no statistical difference between unaffected and reconstructed orbital volumes – complete orbit and until the end of the mesh – which demonstrate that the treatment using titanium mesh reestablished the orbital volume.

Regardless of the method of volumetric evaluation, the region of interest was delimited in coronal slices, being the anterior limit the first slice with presence of all orbital walls, and the posterior limit the disappearance of any structure of the bone orbit. Scolozzi et al.[2], applied similar methodology and analyzed 12 orbital fractures after treatment by CS method. The authors found similar results, and none of the reconstructions presented volumetric differences major than 8%.

The determination of the anterior limit of the orbit for volumetric evaluation is discussed in the literature. The point of discussion is how to accurately define the anterior border of the bone orbit[22, 26, 31]. Kwon et al.[22] verified orbital volume using three methods for determination of the anterior limit of the orbit. They concluded that coronal slices may underestimate the total orbital volume, and the evaluation using axial slices is the most reliable method. However, our study aimed to verify if the reconstruction using standard titanium mesh reestablishes the orbital volume, when compared to the unaffected orbit. Thus, we considered the analysis using coronal slices adequate, and in case of underestimation of the total volume, the volumetric differences between orbits would be exacerbated. In the analyzed sample, only two cases showed volumetric differences higher than 8%.

Moreover, it is important to highlight the aim of the volumetric analysis and the influence of the total volume of the orbit. In reconstructed orbits, the volume of non-fracture areas may compensate any contour errors. Therefore, we also calculated the orbital volume just in the reconstructed areas, limited by the end of the titanium mesh, and the same slices of the contralateral orbit. Again, in both methods of evaluation there were no statistically significant differences between the orbits.

Enophthalmos is closely related to the increased orbital volume. Several studies confirm this relationship, and report that each increased 1 cm3 result in in 0.89 mm enophthalmos[4, 10, 15, 26, 30, 32-34]. As previous described, in non-syndromic patients enophthalmos up to 2 mm are considered within anatomical parameters[25, 26, 33]. In this study, all patients presented the tomographic anteroposterior eyeball position within anatomical parameters, and this fact usually is related with the correct volumetric reestablishment obtained after reconstruction. However, no statistical correlation was observed between eye position and volumetric difference between the orbits. As hypothesis, we discuss the efficiency of the tomographic evaluation of the eyeball position, and we recommend further studies to compare with a clinical evaluation by Hertel exophthalmometer.

Another factor that influences the eyeball position is orbital fat atrophy[35]. Although Schuknecht et al.[36] described that orbital fat atrophy is an insignificant factor to the presence of enophthalmos, recent clinical study[35] demonstrate that adequate orbital volume and anatomic contour are essential, however they do not predict the clinical outcome. Moreover, Matsunaga et al.[37] analyzed the preoperative inferior rectus muscle swelling in orbital floor fractures. The authors found a positive correlation between diplopia, eyeball movement restriction and the muscle swelling. Therefore, the role of orbital fat atrophy and extraocular muscle swelling still has to be explored.

Our study was able to determine that both methods, IS and CS, are feasible to calculate the orbital volume. During the study, we realized that CS method was easier and faster to be performed, however it should be confirmed by further studies. Moreover, the included sample size allowed the comparison between unaffected and reconstructed orbits, regarding to volume and anteroposterior eyeball position. However, some limitations are present as the absence of pre- and postoperative clinical data and the volumetric analysis of extraocular muscles. Future studies should evaluate those features.

With the applied methodology, we conclude that the treatment with standard titanium mesh reestablished orbital volume and anteroposterior eyeball positon in orbital fractures. This conclusion is especially spread for Class II and III defects, which were the most found type of defect.

Acknowledgments

The authors thank the funding agency FAPESP (Foundation for Research Support of São Paulo) for the support of this work (FAPESP process: 2015/04521-0).

References

1. Schmutz B, Rahmel B, McNamara Z, Coulthard A, Schuetz M, Lynham A. Magnetic Resonance Imaging: An Accurate, Radiation-Free, Alternative to Computed Tomography for the Primary Imaging and Three-Dimensional Reconstruction of the Bony Orbit. *Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*. 2014; **72**: 611-618. 10.1016/j.joms.2013.08.030

2. Scolozzi P, Jaques B. Computer-aided Volume Measurement of Posttraumatic Orbits Reconstructed With AO Titanium Mesh Plates: Accuracy and Reliability. *Ophthalmic Plastic & Reconstructive Surgery*. 2008; **24**: 383-389. 10.1097/IOP.0b013e318185a72c

3. Kunz C, Audige L, Cornelius CP, Buitrago-Tellez CH, Rudderman R, Prein J. The Comprehensive AOCMF Classification System: Orbital Fractures - Level 3 Tutorial. *Craniomaxillofac Trauma Reconstr*. 2014; **7**: S092-102. 10.1055/s-0034-1389562

4. Fan X, Li J, Zhu J, Li H, Zhang D. Computer-Assisted Orbital Volume Measurement in the Surgical Correction of Late Enophthalmos Caused by Blowout Fractures. *Ophthalmic Plastic & Reconstructive Surgery*. 2003; **19**: 207-211. 10.1097/01.iop.0000062848.26273.e5

5. Haug RH, Van Sickels JE, Jenkins WS. Demographics and treatment options for orbital roof fractures. *Oral Surgery, Oral Medicine, Oral Pathology, Oral Radiology, and Endodontology*. 2002; **93**: 238-246. 10.1067/moe.2002.120975

6. Hammer B, Prein J. Correction of posttraumatic orbital deformities: operative techniques and review of 26 patients. *J Craniomaxillofac Surg*. 1995; **23**: 81-90.

7. Jaquiery C, Aeppli C, Cornelius P, Palmowsky A, Kunz C, Hammer B. Reconstruction of orbital wall defects: critical review of 72 patients. *Int J Oral Maxillofac Surg*. 2007; **36**: 193-199. 10.1016/j.ijom.2006.11.002

8. Ramieri G, Spada MC, Bianchi SD, Berrone S. Dimensions and volumes of the orbit and orbital fat in posttraumatic enophthalmos. *Dentomaxillofac Radiol*. 2000; **29**: 302-311. 10.1038/sj/dmfr/4600551

9. Tang W, Guo L, Long J, Wang H, Lin Y, Liu L, Tian W. Individual Design and Rapid Prototyping in Reconstruction of Orbital Wall Defects. *Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*. 2010; **68**: 562-570. 10.1016/j.joms.2009.04.042

10. Clauser L, Galie M, Pagliaro F, Tieghi R. Posttraumatic enophthalmos: etiology, principles of reconstruction, and correction. *J Craniofac Surg*. 2008; **19**: 351-359. 10.1097/SCS.0b013e3180534361

11. Bly RA, Chang SH, Cudejkova M, Liu JJ, Moe KS. Computer-guided orbital reconstruction to improve outcomes. *JAMA Facial Plast Surg*. 2013; **15**: 113-120. 10.1001/jamafacial.2013.316

12. Wang S, Xiao J, Liu L, Lin Y, Li X, Tang W, Wang H, Long J, Zheng X, Tian W. Orbital floor reconstruction: a retrospective study of 21 cases. *Oral Surg Oral Med Oral Pathol Oral Radiol Endod*. 2008; **106**: 324-330. 10.1016/j.tripleo.2007.12.022

13. Oh SA, Aum JH, Kang DH, Gu JH. Change of the orbital volume ratio in pure blow-out fractures depending on fracture location. *J Craniofac Surg*. 2013; **24**: 1083-1087. 10.1097/SCS.0b013e31828b6c2d

14. Gellrich NC, Schramm A, Hammer B, Rojas S, Cufi D, Lagreze W, Schmelzeisen R. Computer-assisted secondary reconstruction of unilateral posttraumatic orbital deformity. *Plast Reconstr Surg*. 2002; **110**: 1417-1429. 10.1097/01.PRS.0000029807.35391.E5

15. Cunningham LL, Peterson GP, Haug RH. The relationship between enophthalmos, linear displacement, and volume change in experimentally recreated orbital fractures. *J Oral Maxillofac Surg*. 2005; **63**: 1169-1173. 10.1016/j.joms.2005.04.029

16. Klein M, Glatzer C. Individual CAD/CAM fabricated glass-bioceramic implants in reconstructive surgery of the bony orbital floor. *Plast Reconstr Surg*. 2006; **117**: 565-570. 10.1097/01.prs.0000200770.83864.bc

17. Holck DEE, Boyd EM, Ng J, Mauffray RO. Benefits of stereolithography in orbital reconstruction11The views described herein are those of the authors and do not represent those of the United States Government.The authors have no proprietary interest in any product or technique described in this

article. *Ophthalmology*. 1999; **106**: 1214-1218. 10.1016/s0161-6420(99)90254-3

18. Metzger MC, Schon R, Weyer N, Rafii A, Gellrich NC, Schmelzeisen R, Strong BE. Anatomical 3-dimensional pre-bent titanium implant for orbital floor fractures. *Ophthalmology*. 2006; **113**: 1863-1868. 10.1016/j.ophtha.2006.03.062

19. Agha RA, Borrelli MR, Vella-Baldacchino M, Thavayogan R, Orgill DP, Pagano D, Pai PS, Basu S, McCaul J, Millham F, Vasudevan B, Leles CR, Rosin RD, Klappenbach R, Machado-Aranda DA, Perakath B, Beamish AJ, Thorat MA, Ather MH, Farooq N, Laskin DM, Raveendran K, Albrecht J, Milburn J, Miguel D, Mukherjee I, Valmasoni M, Ngu J, Kirshtein B, Raison N, Boscoe M, Johnston MJ, Hoffman J, Bashashati M, Thoma A, Healy D, Orgill DP, Giordano S, Muensterer OJ, Kadioglu H, Alsawadi A, Bradley PJ, Nixon IJ, Massarut S, Challacombe B, Noureldin A, Chalkoo M, Afifi RY, Agha RA, Aronson JK, Pidgeon TE. The STROCSS statement: Strengthening the Reporting of Cohort Studies in Surgery. *International Journal of Surgery*. 2017; **46**: 198-202. 10.1016/j.ijsu.2017.08.586

20. Strianese D, Piscopo R, Elefante A, Napoli M, Comune C, Baronissi I, Liuzzi R, Ferrara M, D'Alessandro A, Ruggiero P, Napolitano P, Grassi P, Iuliano A, Russo C, Brunetti A, Bonavolonta G. Unilateral proptosis in thyroid eye disease with subsequent contralateral involvement: retrospective follow-up study. *BMC Ophthalmol*. 2013; **13**: 21. 10.1186/1471-2415-13-21

21. Parson GS, Mathog RH. Orbital wall and volume relationships. *Arch Otolaryngol Head Neck Surg*. 1988; **114**: 743-747.

22. Kwon J, Barrera JE, Most SP. Comparative computation of orbital volume from axial and coronal CT using three-dimensional image analysis. *Ophthal Plast Reconstr Surg*. 2010; **26**: 26-29. 10.1097/IOP.0b013e3181b80c6a

23. Julious SA. Sample sizes for clinical trials with normal data. *Stat Med*. 2004; **23**: 1921-1986. 10.1002/sim.1783

24. Forbes G, Gehring DG, Gorman CA, Brennan MD, Jackson IT. Volume measurements of normal orbital structures by computed tomographic analysis. *AJR Am J Roentgenol*. 1985; **145**: 149-154. 10.2214/ajr.145.1.149

25. Ellis E, 3rd. Orbital trauma. *Oral Maxillofac Surg Clin North Am*. 2012; **24**: 629-648. 10.1016/j.coms.2012.07.006

26. Essig H, Dressel L, Rana M, Rana M, Kokemueller H, Ruecker M, Gellrich NC. Precision of posttraumatic primary orbital reconstruction using individually bent titanium mesh with and without navigation: a retrospective study. *Head Face Med*. 2013; **9**: 18. 10.1186/1746-160X-9-18

27. Ploder O, Klug C, Voracek M, Burggasser G, Czerny C. Evaluation of computer-based area and volume measurement from coronal computed tomography scans in isolated blowout fractures of the orbital floor. *Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*. 2002; **60**: 1267-1272. 10.1053/joms.2002.35722

28. Shere JL, Boole JR, Holtel MR, Amoroso PJ. An analysis of 3599 midfacial and 1141 orbital blowout fractures among 4426 United States Army Soldiers, 1980-2000. *Otolaryngol Head Neck Surg*. 2004; **130**: 164-170. 10.1016/j.otohns.2003.09.018

29. Tahernia A, Erdmann D, Follmar K, Mukundan S, Grimes J, Marcus JR. Clinical implications of orbital volume change in the management of isolated and zygomaticomaxillary complex-associated orbital floor injuries. *Plast Reconstr Surg*. 2009; **123**: 968-975. 10.1097/PRS.0b013e318199f486

30. Alinasab B, Beckman MO, Pansell T, Abdi S, Westermark AH, Stjarne P. Relative difference in orbital volume as an indication for surgical reconstruction in isolated orbital floor fractures. *Craniomaxillofac Trauma Reconstr*. 2011; **4**: 203-212. 10.1055/s-0031-1286117

31. Ploder O, Klug C, Backfrieder W, Voracek M, Czerny C, Tschabitscher M. 2D- and 3D-based measurements of orbital floor fractures from CT scans. *Journal of Cranio-Maxillofacial Surgery*. 2002; **30**: 153-159. 10.1054/jcms.2002.0296

32. Bite U, Jackson IT, Forbes GS, Gehring DG. Orbital volume measurements in enophthalmos using three-dimensional CT imaging. *Plast Reconstr Surg*. 1985; **75**: 502-508.

33. Choi SH, Kang DH. Prediction of Late Enophthalmos Using Preoperative Orbital Volume and Fracture Area Measurements in Blowout Fracture. *J Craniofac Surg*. 2017; **28**: 1717-1720. 10.1097/SCS.0000000000003765

34. Jin H-R, Shin S-O, Choo M-J, Choi Y-S. Relationship between the extent of fracture and the degree of enophthalmos in isolated blowout fractures of the medial orbital wall. *Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*. 2000; **58**: 617-620. 10.1053/jo.2000.6201

35. Zimmerer RM, Gellrich NC, von Bulow S, Strong EB, Ellis E, 3rd, Wagner MEH, Sanchez Aniceto G, Schramm A, Grant MP, Thiam Chye L, Rivero Calle A, Wilde F, Perez D, Bittermann G, Mahoney NR, Redondo Alamillos M, Basic J, Metzger M, Rasse M, Dittman J, Rometsch E, Espinoza K, Hesse R, Cornelius CP. Is there more to the clinical outcome in posttraumatic reconstruction of the inferior and medial orbital walls than accuracy of implant placement and implant surface contouring? A prospective multicenter study to identify predictors of clinical outcome. *J Craniomaxillofac Surg*. 2018. 10.1016/j.jcms.2018.01.007

36. Schuknecht B, Carls F, Valavanis A, Sailer HF. CT assessment of orbital volume in late post-traumatic enophthalmos. *Neuroradiology*. 1996; **38**: 470-475. 10.1007/bf00607281

37. Matsunaga K, Asamura S, Morotomi T, Wada M, Wada Y, Nakamura N, Isogai N. Association between preoperative inferior rectus muscle swelling and outcomes in orbital blowout fracture. *J Craniomaxillofac Surg*. 2011; **39**: 509-514. 10.1016/j.jcms.2010.10.024

Table 1 – Defect severity and involved walls.

Orbital wall	Classification				Total
	I	II	III	IV	
Orbital floor	4	16	20	2	42
Orbital floor and medial wall	-	1	6	3	10
Medial wall	-	8	-	-	8
Total	4	25	26	5	60

Table 2 – Mean, standard deviation, in cm^3, and statistical analysis of orbital volumes evaluated by IS and CS methods.

Region	Orbit	IS[c]	CS[c]
		Mean ± SD	Mean ± SD
End of the mesh	Unaffected	13.95 ± 2.71	13.55 ± 2.35
	Reconstruced	13.91 ± 2.83	13.62 ± 2.47
	p-value[a]	0.953	0.902
Complete orbit	Unaffected	16.36 ± 2.12	16.53 ± 1.77
	Reconstruced	16.34 ± 2.26	16.53 ± 1.89
	p-value[b]	0.320	0.852
Complete orbit pre-correction	Unaffected	-	16.40 ± 1.79
	Reconstructed	-	16.69 ± 1.98
	p-value[b]	-	0.987

[a] Wilcoxon test

[b] paired t-test

[c] Comparison between methods using t-test (p>0,05)

Table 3 – Pearson's correlation test between defect severity, orbital volume changes (IS and CS), and anteroposterior eyeball position.

	Defect severity	Orbital volume change (IS)	Orbital volume change (CS)	Eyeball position
Defect severity	1	0,076	0,105	0,003
p-value	-	0,566	0,425	0,980
Orbital volume change (IS)		1	-	-0,004
p-value		-	-	0,974
Orbital volume change (CS)			1	-0,052
p-value			-	0,691
Eyeball position				1
p-value				-

Legend of figures

Figure 1. A. Determination of the region of interest in IS method. **B.** CS method automatic generated. **C.** CS method after manual correction. **D.** Anteroposterior eyeball position.

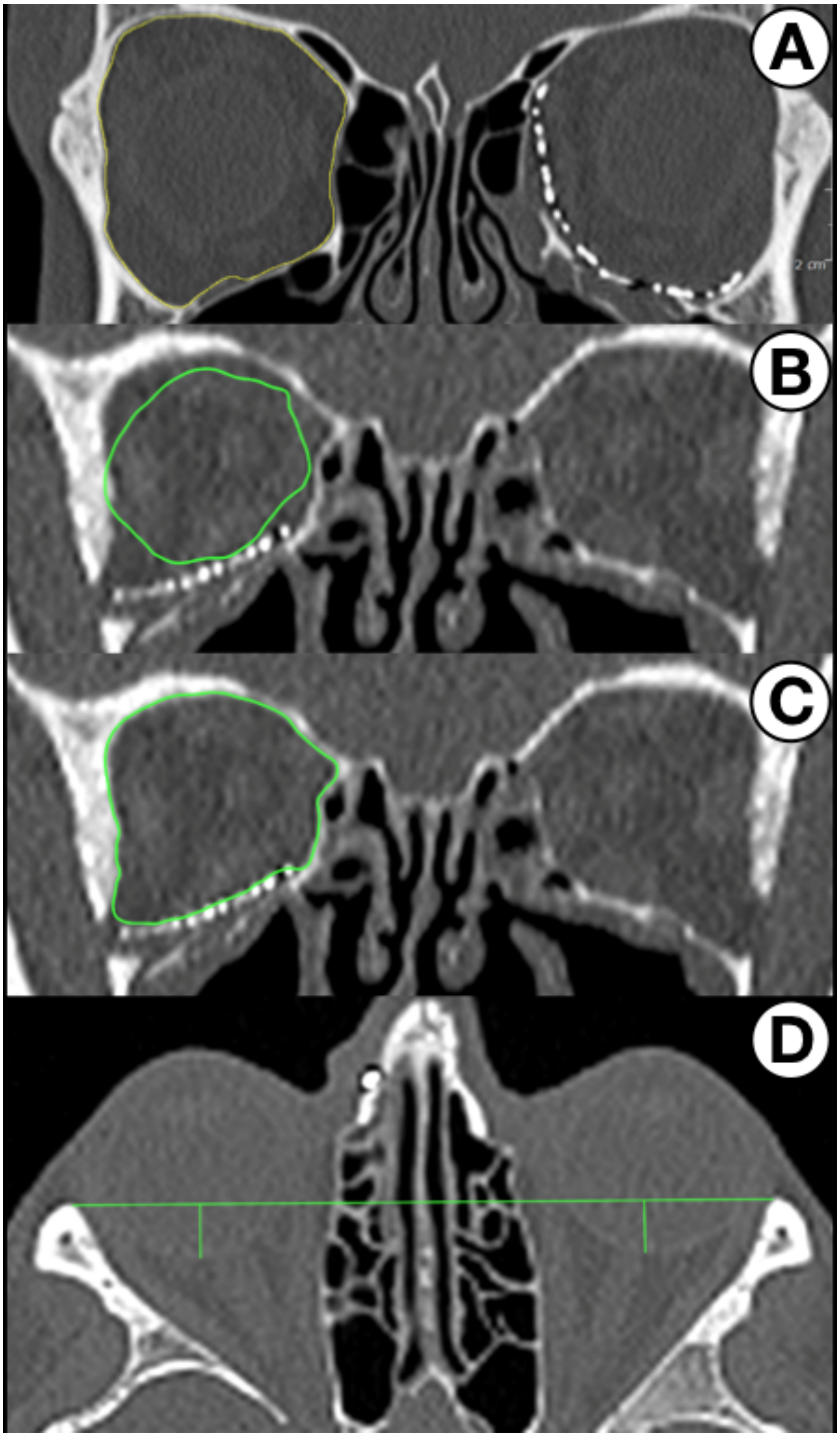
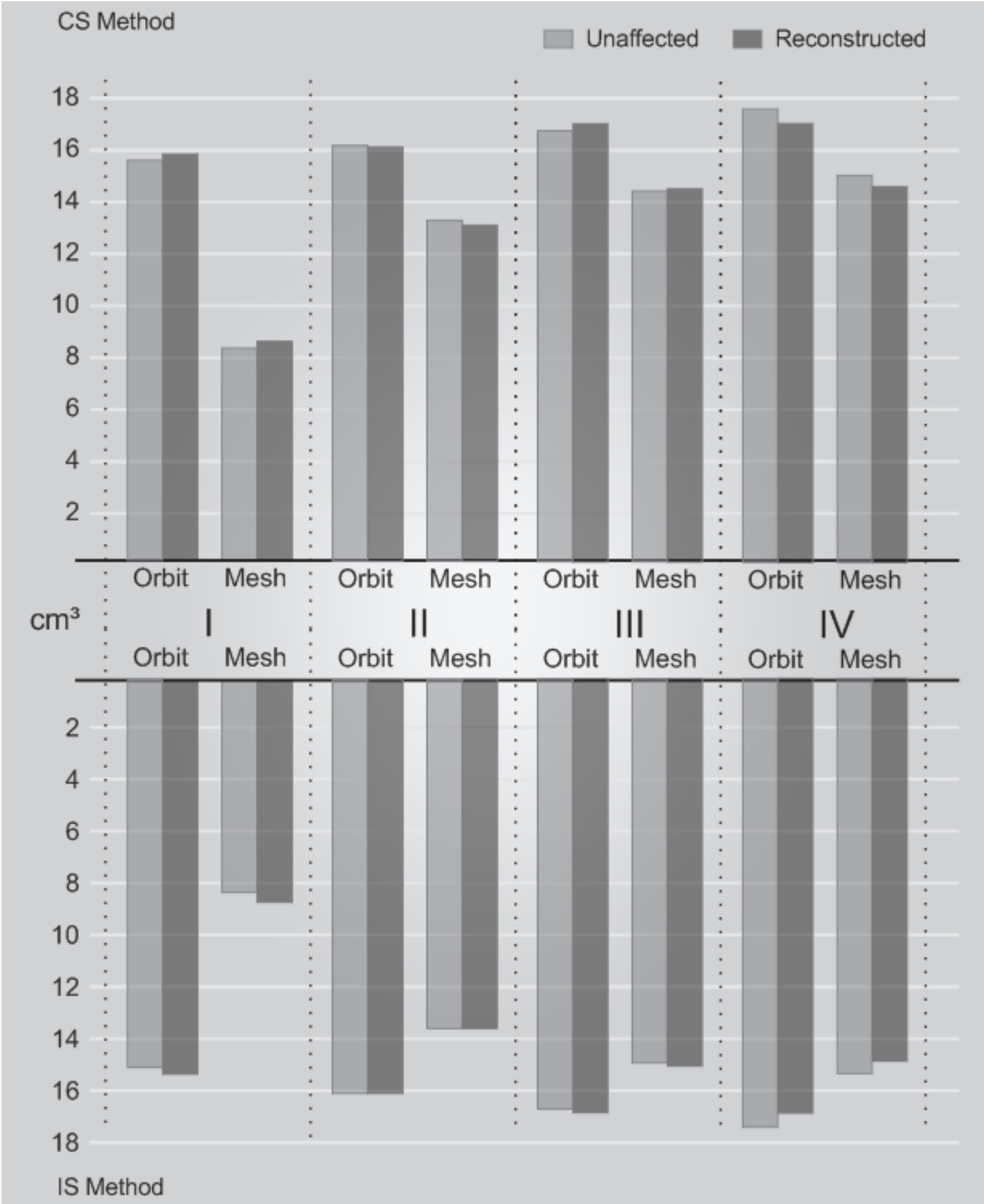


Figure 2. Mean of reconstructed and unaffected orbital volumes, complete orbit and at the end of the mesh, regarding to defect severity, CS and IS methods.



4 ARTIGO 2 – Dynamic three-dimensional finite element analysis of orbital trauma*

Dynamic Three-Dimensional Finite Element Analysis of Orbital Trauma

Short title: 3D FEA of Orbital Trauma

Lucas Borin MOURA[ab], Marisa Aparecida Cabrini GABRIELLI[a], Philipp Christian JÜRGENS[b], Valfrido Antonio PEREIRA FILHO[a]

[a] Department of Diagnosis and Surgery, School of Dentistry, São Paulo State University (Unesp), Araraquara, Brazil

[b] Department of Cranio-Maxillofacial Surgery, University Hospital Basel, University of Basel, Basel, Switzerland

Key-words: Orbit. Orbital fractures. Finite element analysis.

Funding source: This study was supported by the Foundation for Research Support of São Paulo (FAPESP), processes 2015/04521-0 and 2016/01445-4.

Conflict of Interest: The authors declare there is no conflict of interest.

Corresponding author full address:

Lucas Borin Moura

Department of Diagnosis and Surgery, School of Dentistry, Araraquara

São Paulo State University (Unesp)

Humaitá St. 1680, 14801-903, Araraquara, São Paulo, Brazil

E-mail: lucasbmoura@gmail.com

**Artigo formatado para envio a revista: International Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*

Abstract

This study does a dynamic finite element (FE) analysis of orbital trauma mechanisms – buckling and hydraulic theories. A complete digital model of the orbital cavity – including eyeball, fat tissue, extraocular muscles and bone orbit - was created from MRI and CT data from a real patient. An impactor hit the FE model in two scenarios: direct to the eyeball, and in infraorbital rim. The first principal stress was calculated to determine stress distribution. The complete FE model presented more than 900,000 elements and time of simulation was 4.8ms and 0.6ms, to hydraulic and buckling mechanisms, respectively. The stress distribution in hydraulic mechanism affected mainly the medial wall with high stress area of 99.08 mm^2, while the buckling mechanism presented a high stress area of 378.70 mm^2 in the orbital floor. The presence of soft tissue absorbed energy, especially in the hydraulic mechanism. In conclusion, the applied method of segmentation allowed the built of a complete orbital model. Both mechanisms presented results similar to the classic experiments. However, the soft tissue in the hydraulic mechanism absorbed the impact, demonstrating its role in the orbital pathophysiology.

Key-words: Orbit; Orbital fractures; Finite Element Analysis.

Introduction

Orbital fractures represent more than 40% of midface fractures[1, 2]. Their high prevalence is related to anatomical characteristics, such as the thin orbital walls, being mostly affected the orbital floor and medial wall[1, 3]. In 1957, Smith and Regan[4] first reported an orbital wall fracture. They described a complete dislocation of the orbital wall into the maxillary sinus without fracture of the infraorbital rim, a blow-out fracture[4].

Essentially, there are two theories that explain the pathophysiology of blow-out fractures – buckling and hydraulic mechanisms[5-7]. The buckling mechanism occurs by a direct impact over the infraorbital rim, the stress is transmitted to the orbital floor causing the fracture. The hydraulic mechanism is observed when a direct impact to the eyeball occurs. In this case, the internal pressure of the orbit abrupt increases and the stress is transmitted to the orbital walls[5-7].

Although both mechanisms are historically established, several studies were performed to achieve a better comprehension about the stress distribution features and fractures patterns[5-10]. Previous cadaveric studies[6, 10] described that the hydraulic mechanism needs a higher stress force to cause fracture when compared to the buckling mechanism. Also, the latter resulted in orbital floor fractures without soft tissue herniation, while the hydraulic mechanism caused medial wall fractures with soft tissue herniation into the paranasal sinuses[9]. Presently, the finite element (FE) method is applied to simulate facial trauma and analyze different scenarios[5, 7, 8, 11-14]. However, none of the published studies performed a tridimensional FE analysis on a complete orbital model containing all structures, including the eyeball, fat tissue, extraocular muscle and bone orbit.

The aim of this study was to build a complete digital model of the orbital cavity based in the real image exam from a patient and perform a dynamic FE analysis of the orbital trauma mechanisms.

Materials and Method

A finite element model of the orbital cavity was built from CT (0.5mm-thick slices) and MRI scans (1mm-thick slices) from a healthy patient. The DICOM (Digital Image and Communication in Medicine) data were imported to the software *Materialise Mimics 19.0* (Materialise, Leuven, Belgium) for manual segmentation of the orbital structures. The bone object was built from the CT data, and the orbital tissues (extraocular muscles, eyeball and fat tissue) were obtained from the MRI data.

The region of interest was defined as the left orbit part of the skull. The orbital part was cut out at the midline, 3 cm above the superior orbital rim, 4 cm below the inferior orbital rim and 1.5 cm behind the orbital apex. In order to obtain a realistic FE model from DICOM data the segmentation process followed specific steps. Firstly, an automatic segmentation based on Hounsfield value thresholds was done to obtain an initial model of the bone orbit. This model failed to represent thin cortical bone, such as the orbital floor and the medial wall. Therefore, each slice was manually edited in axial, coronal and sagittal views. Based on anatomical references and difference between grey values, a trained research (LBM) applied a one pixel brush (0.3 mm width) to fill the gaps and achieve correct anatomic contour and thickness. The extraocular muscles and the eyeball were also created from automatic segmentation and manual correction. However, the orbital fat tissue should fill all spaces between the bone orbit, muscles and eyeball, thus Boolean operations were applied to obtain the fat tissue (Figure 1).

After manual segmentation, all rough objects were imported to the software *Materalise 3-matic* (Materalise, Leuven, Belgium) for smoothing, refinement and diagnosis. In this step, all bad edges, holes, overlapping and intersecting triangles were corrected. Also, all objects were placed together to define the contact areas (Figure 1), and were exported as STL files.

All STL objects were imported to *ANSYS 18.1 software* (ANSYS Inc., Canonsburg, United States) to create the FE mesh and perform dynamic simulations. A finite element volume mesh with tetrahedral shaped 10-node elements was created for each structure. The complete FE model had 928,846 elements. A virtual brass weight (density: 8.4g/cm3; Young's modulus: 100,000 MPa; Poisson's ratio: 0.37) was modelled to simulate one single impact in two simulations representing respectively the hydraulic and buckling mechanisms[6, 12]. Each structure was defined with a specific material property according to previous studies – bone orbit[7, 8, 14, 15], extraocular muscles[16], orbital fat tissue[16], and eyeball[16]. We considered the eyeball filled with a liquid, therefore the Bulk modulus of water (2,200 MPa) was applied (Table 1).

A local coordinate system along the axis of the impactor was created and a velocity of 6 m/s[5, 12] was applied. To obtain the force distribution through the eyeball, the impactor was rotated 20^o laterally, aligned to the orbital apex and placed parallel to Frankfurt plane[5]. In the hydraulic mechanism, the impactor hit the eyeball directly in the center, whereas in the buckling mechanism the impactor hit the center of the infraorbital rim (Figure 2).

The bone structure was fixed in all degrees of freedom in the superior, posterior and medial edges. The contact areas between each object were defined as bounded for bone orbit to orbital fat, orbital fat to extraocular muscles, muscles to eyeball, and orbital fat to eyeball, as well as frictional – 0.4 coefficient factor[14] – for impactor to bone orbit and impactor to eyeball. The tridimensional stress over the orbital walls was analyzed by the 1st Principal Stress. In each simulation, the most affected areas were measured for comparison.

Results

The applied methodology for CT and MRI segmentation allowed the design of a high detailed FE model of the orbital cavity. The FE mesh presented 928,846 elements. In each simulation, the 1st Principal Stress, peak of impact and impact time interval were calculated.

The hydraulic mechanism simulation lasted 4.8ms, and a time-step of 66 μs was applied for evaluation. Total impact energy of 7750 N was verified with a peak of impact at 1.8ms. The results of the dynamic analysis are reported in Figures 3 and 4. Figure 3 shows the tridimensional distribution of the 1st Principal Stress, being the most affected region the medial wall. Stress higher than 60N was verified in an area of 99.08 mm2 on the medial wall. Figure 4 shows the historic stress distribution over the orbital walls and regions. It is observed that the higher stress was concentrated at the middle third of the medial wall.

The buckling mechanism simulation was shorter and lasted 0.6ms. A time-step of 8 μs was used for evaluation and total impact energy of 6700 N was observed, with a peak of impact at 0.27ms. Figures 5 and 6 show the results of dynamic analysis. Figure 5 shows the tridimensional stress distribution over the orbital walls, specially to the orbital floor. Figure 6 shows the historic distribution of stress over the orbital walls and regions. The higher stress was concentrated at the medium and posterior third of the orbital floor and the medial wall was almost not affected. Stress higher than 60N was verified in a 378.70 mm2 area of the orbital floor.

The time-step and time of simulation between the mechanisms were considerably different. In the hydraulic mechanism, the eyeball, fat tissue and extraocular muscles suffered deformation, whereas in the buckling mechanism the bone object was directly hit. Video 1 shows both mechanisms and 1st Principal Stress distribution during the whole simulation time.

Discussion

Orbital fractures are highly prevalent[1] and their biomechanics is a constant focus of discussion[5-10, 16]. Previously, the investigation of trauma biomechanics was not feasible, due ethical and reliability issues. Human cadavers were often used[6, 10], however some post-mortem changes were present and did not represent a typical patient with facial injury[12]. Therefore, the FE is a valid method to analyze trauma biomechanics. The current studies that evaluate orbital fractures applying FE analysis show limitations as the use of CAD models[7, 8, 17] or lack of structures[5] – e.g. absence of fat tissue and extraocular muscles. In our study, all orbital structures – bone, eyeball, fat tissue and extraocular muscles - were obtained from CT and MRI scans from a real patient.

The building process to obtain a digital model of the orbital cavity should follow specific steps as the automatic thresholding, manual slicing and proper refinement. The bone structure was obtained from 0.5-mm CT scanning. However, the automatic segmentation was not able to include the thinner cortical bone, mainly in the medial wall and orbital floor. This was also observed by Huempfner-Hierl et al[13] and Schaller et al[14] and a manual slicing in coronal, axial and sagittal planes was performed to fill those undefined areas. As the CT scan is the best image exam to evaluate bone structures, MRI allows the optimal evaluation of orbital soft tissues[5, 18, 19]. Therefore, eyeball, fat tissue and extraocular muscles were obtained from MRI data, as described by Schutte et al[19]. The association of CT and MRI scans allowed to create a complete digital model of the orbital cavity.

Two different FE analysis of orbital fracture pathophysiology are present in the literature: static[7, 8, 17] and dynamic[5]. Our study evaluated orbital wall stress after a dynamic impact, which is more realistic and has advantages in relation to the static method[5]. It was possible to analyze the stress over the bone structure from the beginning of impact until the end of simulation. Also, the tissue's viscoelastic response allowed a more realistic scenario about the impact[5], particularly in the hydraulic mechanism.

In our study, the most affected regions varied according to the type of mechanism. The buckling mechanism distributed stress mainly in the orbital floor – anterior and medium thirds. This find was similar to previous FE studies[5, 7, 8] and it is explained by the theory that a direct impact to the infraorbital rim causes a transient deformation of the rim and the force is distributed to the orbital floor[10, 20]. In Video 1 it is possible to observe the transient deformation of the infraorbital rim. Moreover, this result is similar to the cadaveric study from Waterhouse et al[6], where the majority of fractures occurred in the anterior region of the orbital floor, without involvement of the medial wall.

In the hydraulic mechanism, the resultant stress affected mainly the medial wall, especially the medium third, and the stress area was minor when compared to the buckling mechanism. This mechanism theory proposes that a direct impact to the eyeball increases the internal hydraulic pressure and it is transmitted to the thin orbital walls[10, 21]. These results are similar to those described by Nagasao et al[7], where the hydraulic pressure resulted in a small affected area located at the medial wall. However, Schaller et al[5] found a different scenario with a major stress distribution in the junction between the orbital floor and medial wall. This difference may be explained due to the applied methodology. Schaller et al[5] created an artificial eyeball with contact to all orbital walls, whereas we created the eyeball from MRI scan and it was involved by the orbital fat.

The resultant stress values over the orbital walls in the hydraulic mechanism were significant minor when compared to those found in previous studies[5, 7]. As already described, our FE model included orbital fat and extraocular muscles. Therefore, we believe that the impact was absorbed by the soft tissues and consequently the transmitted stress was minor. Moreover, previous FE models presented some uncertain aspects, such as the overrated contact between eyeball and orbital walls[5] and the direct static force applied to the orbital walls[7].

Two main limitations are present in our FE model. Bone failure was not incorporated and a uniform Young's modulus and Poisson ratio were applied to the bone structure. Failure would be important to create an optimal model, where the failing elements (fracture) are erased and the simulation recalculated according to new boundary conditions[13], whereas an specific Young's modulus for each voxel, according to the CT Hounsfield data, would be helpful to increase the differences between the orbital walls[14]. Those features should be applied in future studies.

In conclusion, the applied methodology allowed construction of a complete digital orbital model. The presence of fat tissue and extraocular muscles has an important role on impact absorption and stress transmission to the orbital walls. Both mechanisms of injury were validated and present similar results in the literature. The buckling mechanism mainly affects a large area of the orbital floor, whereas the hydraulic mechanism results in a smaller area of stress in the medial wall.

Acknowledgments

The authors thank the funding agency FAPESP (Foundation for Research Support of São Paulo) for the support of this work (FAPESP process: 2016/01445-4). The authors thank Andreas Mullis (Medartis, Basel, Switzerland) and Manfred Maurer (CADFEM, Aadorf, Switzerland) for their valuable collaboration.

References

1. Kunz C, Audige L, Cornelius CP, Buitrago-Tellez CH, Rudderman R, Prein J. The Comprehensive AOCMF Classification System: Orbital Fractures - Level 3 Tutorial. *Craniomaxillofac Trauma Reconstr*. 2014; **7**: S092-102. 10.1055/s-0034-1389562

2. Schmutz B, Rahmel B, McNamara Z, Coulthard A, Schuetz M, Lynham A. Magnetic Resonance Imaging: An Accurate, Radiation-Free, Alternative to Computed Tomography for the Primary Imaging and Three-Dimensional Reconstruction of the Bony Orbit. *Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*. 2014; **72**: 611-618. 10.1016/j.joms.2013.08.030

3. Wang S, Xiao J, Liu L, Lin Y, Li X, Tang W, Wang H, Long J, Zheng X, Tian W. Orbital floor reconstruction: a retrospective study of 21 cases. *Oral Surg Oral Med Oral Pathol Oral Radiol Endod*. 2008; **106**: 324-330. 10.1016/j.tripleo.2007.12.022

4. Smith B, Regan WFJ. Blow-out fracture of the orbit; mechanism and correction of internal orbital fracture. *Am J Ophthalmol*. 1957; **44**: 733-739.

5. Schaller A, Huempfner-Hierl H, Hemprich A, Hierl T. Biomechanical mechanisms of orbital wall fractures - a transient finite element analysis. *J Craniomaxillofac Surg*. 2013; **41**: 710-717. 10.1016/j.jcms.2012.02.008

6. Waterhouse N, Lyne J, Urdang M, Garey L. An investigation into the mechanism of orbital blowout fractures. *Br J Plast Surg*. 1999; **52**: 607-612. 10.1054/bjps.1999.3194

7. Nagasao T, Miyamoto J, Shimizu Y, Jiang H, Nakajima T. What happens between pure hydraulic and buckling mechanisms of blowout fractures? *J Craniomaxillofac Surg*. 2010; **38**: 306-313. 10.1016/j.jcms.2009.09.001

8. Nagasao T, Miyamoto J, Nagasao M, Ogata H, Kaneko T, Tamaki T, Nakajima T. The effect of striking angle on the buckling mechanism in blowout fracture. *Plast Reconstr Surg*. 2006; **117**: 2373-2380; discussion 2381. 10.1097/01.prs.0000218792.70483.1f

9. Ahmad F, Kirkpatrick NA, Lyne J, Urdang M, Waterhouse N. Buckling and hydraulic mechanisms in orbital blowout fractures: fact or fiction? *J Craniofac Surg*. 2006; **17**: 438-441.

10. Ahmad F, Kirkpatrick WNA, Lyne J, Urdang M, Garey LJ, Waterhouse N. Strain gauge biomechanical evaluation of forces in orbital floor fractures. *British Journal of Plastic Surgery*. 2003; **56**: 3-9. 10.1016/s0007-1226(02)00467-8

11. Nagasao T, Morotomi T, Kuriyama M, Tamai M, Sakamoto Y, Takano N. Biomechanical analysis of likelihood of optic canal damage in peri-orbital fracture. *Comput Assist Surg (Abingdon)*. 2018; **23**: 1-7. 10.1080/24699322.2018.1460401

12. Huempfner-Hierl H, Schaller A, Hemprich A, Hierl T. Biomechanical investigation of naso-orbitoethmoid trauma by finite element analysis. *Br J Oral Maxillofac Surg*. 2014; **52**: 850-853. 10.1016/j.bjoms.2014.07.255

13. Huempfner-Hierl H, Schaller A, Hierl T. Biomechanical investigation of the supraorbital arch - a transient FEA study on the impact of physical blows. *Head Face Med*. 2014; **10**: 13. 10.1186/1746-160X-10-13

14. Schaller A, Voigt C, Huempfner-Hierl H, Hemprich A, Hierl T. Transient finite element analysis of a traumatic fracture of the zygomatic bone caused by a head collision. *Int J Oral Maxillofac Surg*. 2012; **41**: 66-73. 10.1016/j.ijom.2011.09.004

15. Dechow PC, Nail GA, Schwartz-Dabney CL, Ashman RB. Elastic properties of human supraorbital and mandibular bone. *Am J Phys Anthropol*. 1993; **90**: 291-306. 10.1002/ajpa.1330900304

16. Al-Sukhun J, Kontio R, Lindqvist C. Orbital stress analysis--Part I: Simulation of orbital deformation following blunt injury by finite element analysis method. *J Oral Maxillofac Surg*. 2006; **64**: 434-442. 10.1016/j.joms.2005.11.015

17. Takizawa H, Sugiura K, Baba M, Tachisawa T, Kadoyama S, Kabayama T, Ohno H, Fuseya Y. Structural mechanics of the blowout fracture: numerical computer simulation of orbital deformation by the finite element method. *Neurosurgery*. 1988; **22**: 1053-1055.

18. Morotomi T, Iuchi T, Hashimoto T, Sueyoshi Y, Nagasao T, Isogai N. Image analysis of the inferior rectus muscle in orbital floor fracture using cine mode magnetic resonance imaging. *J Craniomaxillofac Surg*. 2015; **43**: 2066-2070. 10.1016/j.jcms.2015.10.016

19. Schutte S, van den Bedem SP, van Keulen F, van der Helm FC, Simonsz HJ. A finite-element analysis model of orbital biomechanics. *Vision Res*. 2006; **46**: 1724-1731. 10.1016/j.visres.2005.11.022

20. Tessier P. The classic reprint. Experimental study of fractures of the upper jaw. I and II. René Le Fort, M.D. *Plast Reconstr Surg*. 1972; **50**: 497-506.

21. Pfeiffer RL. Traumatic Enophthalmos. *Trans Am Ophthalmol Soc*. 1943; **41**: 293-306.

Table 1 – FE mesh features and material properties of each orbital structure.

Structure	Elements (n)	Nodes (n)	Young's Modulus (MPa)	Poisson's ratio	Density (g/cm3)
Bone	363,169	76,282	13.5	0.32	1.591
Extraocular muscles	149,113	30,305	11.0	0.4	1.06
Orbital fat tissue	339,883	66,341	0.5	0.49	0.999
Eyeball	65,389	14,698	2.2[a]	0,49	0.999
Impactor	11,292	2,566	100,000	0.37	8.4
Total	928,846	190,192	-	-	-

[a] Bulk modulus

Legend of figures

Figure 1. A. Manual segmentation of orbital structures. **B.** Orbital fat obtained after Boolean subtraction. **C and D.** Refinement and definition of contact areas.

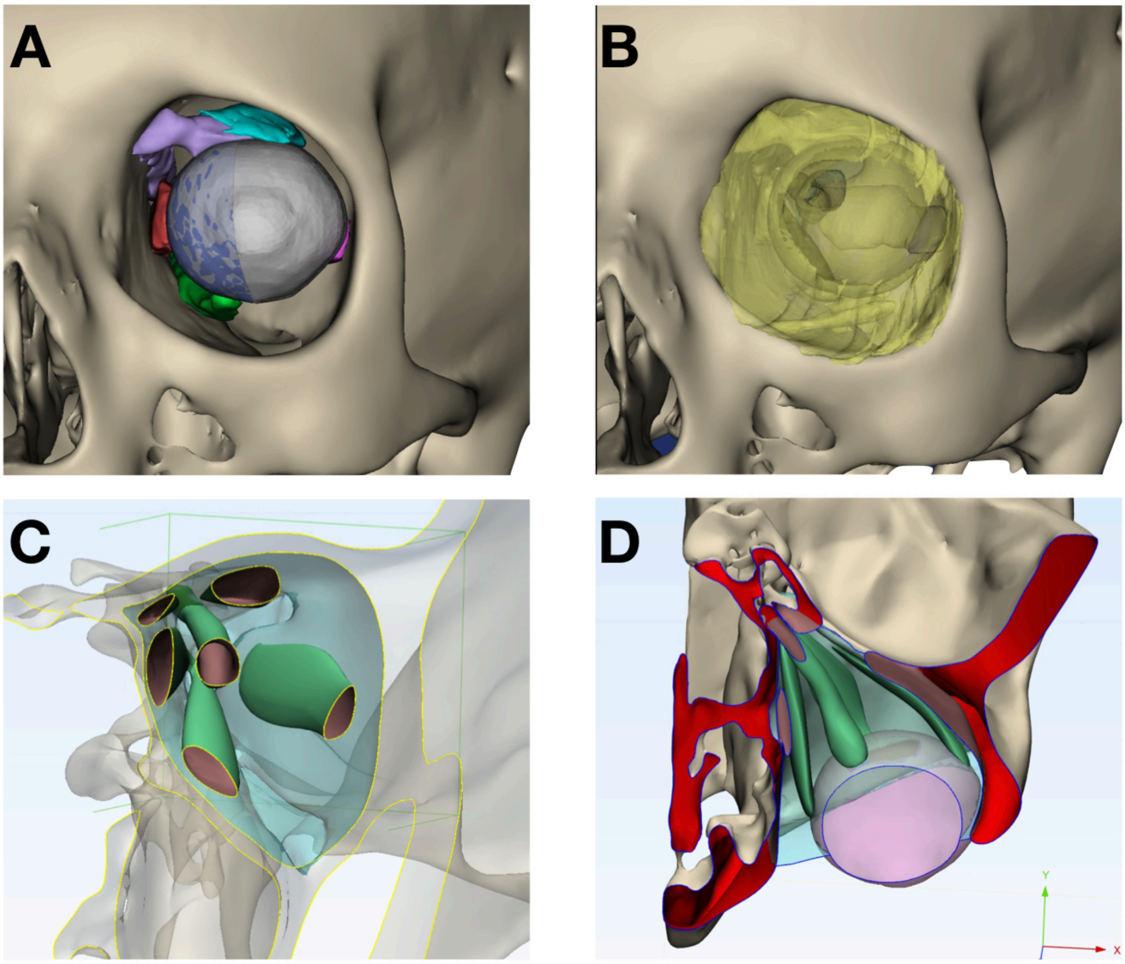


Figure 2. Hydraulic (A) and Buckling (B) mechanisms.

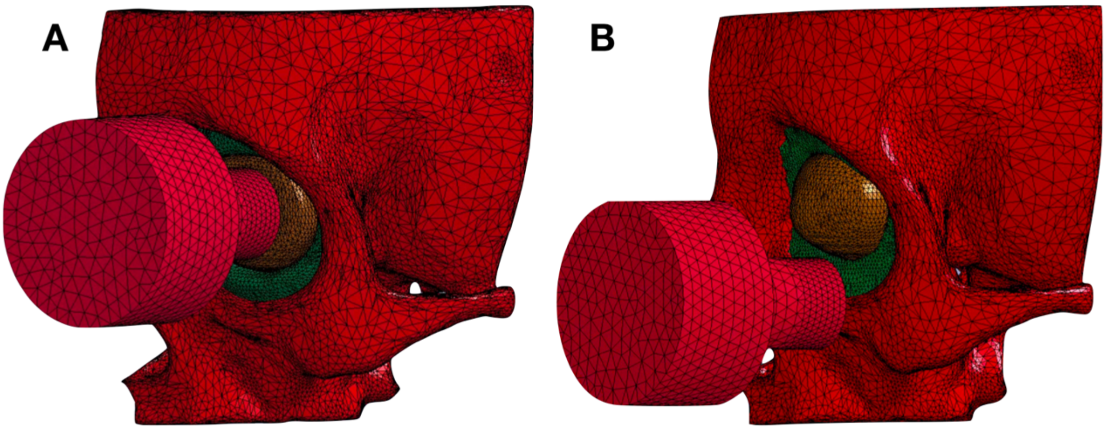


Figure 3. Distribution of 1st Principal Stress over orbital walls in hydraulic mechanism.

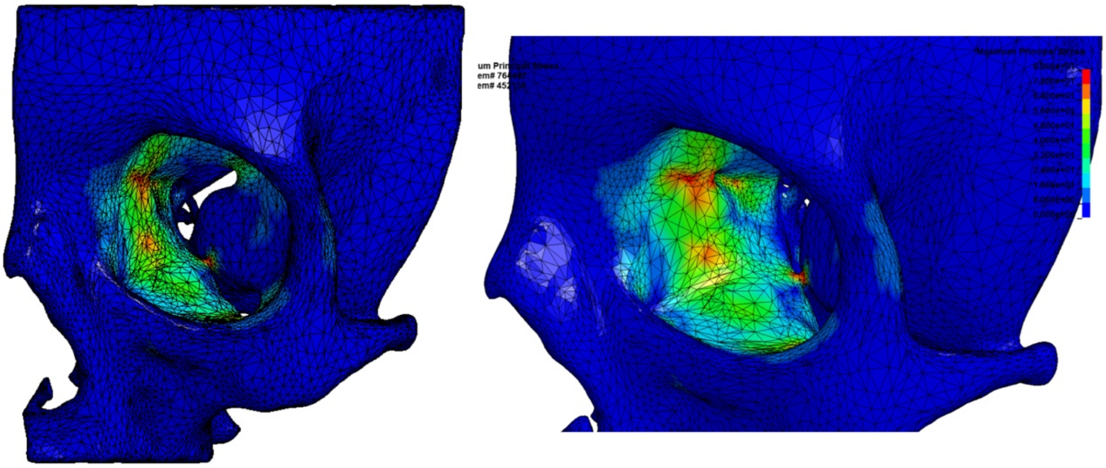


Figure 4. Distribution of 1st Principal Stress over orbital walls and regions, according to time step, in hydraulic mechanism.

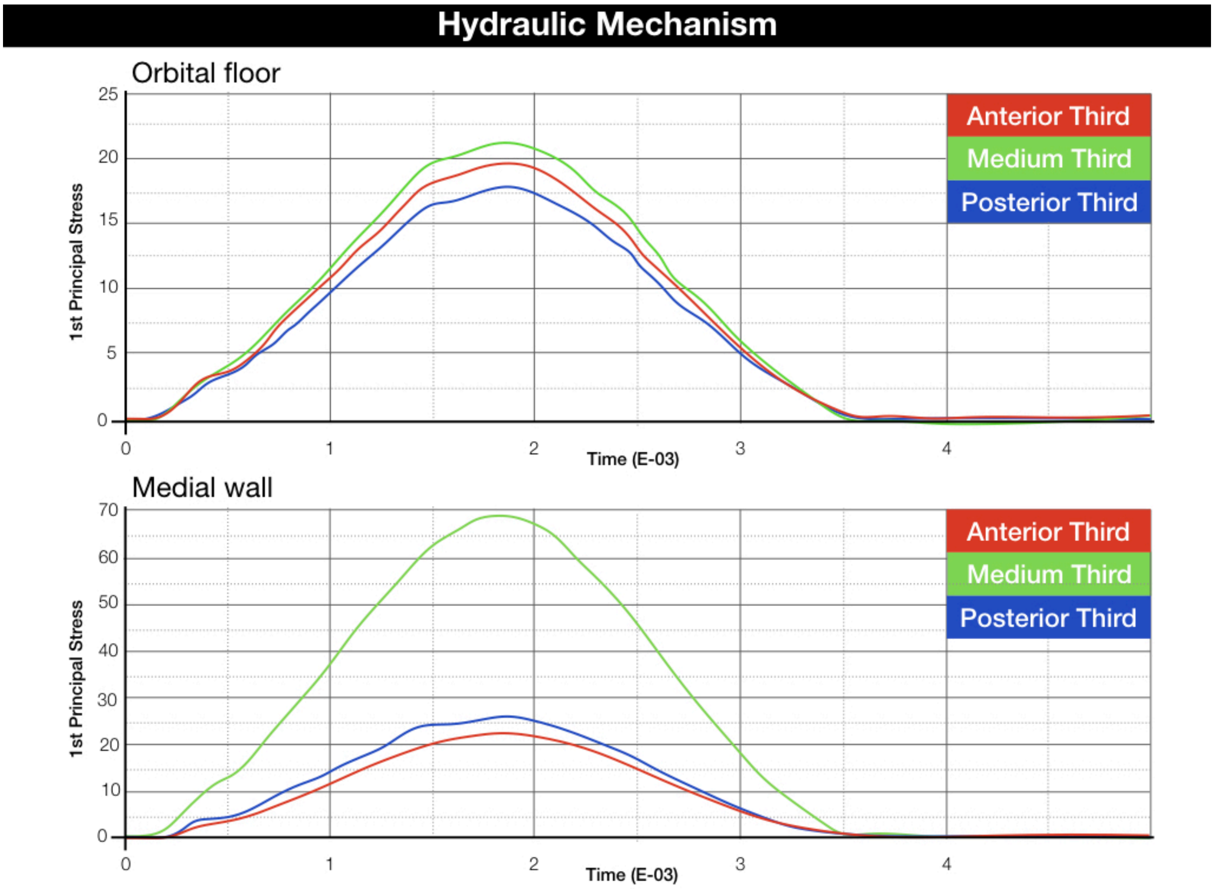


Figure 5. Distribution of 1st Principal Stress over orbital walls in buckling mechanism.

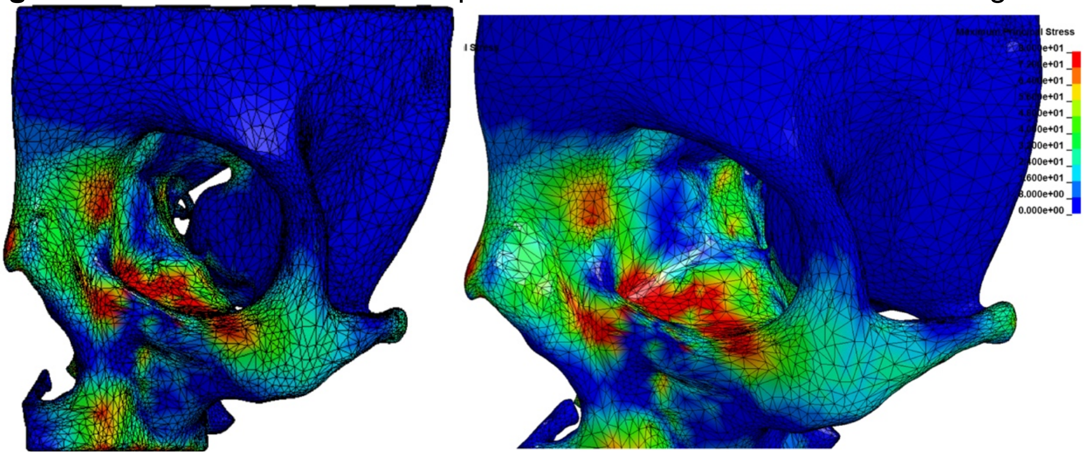
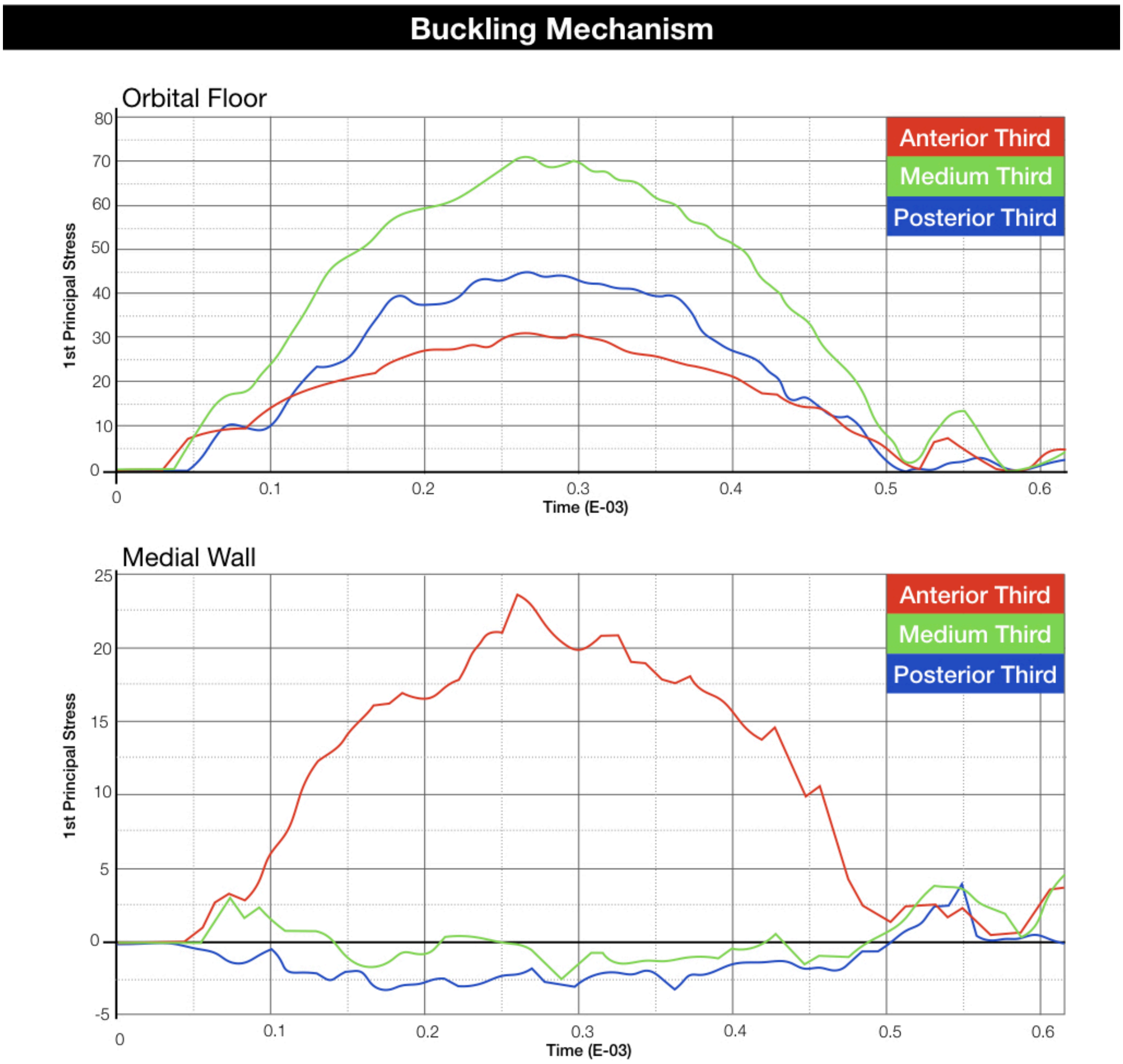


Figure 6. Distribution of 1st Principal Stress over orbital walls and regions, according to time step, in buckling mechanism.



5 ARTIGO 3 – Reconstruction of orbital floor defects assisted by transantral endoscopy*

Reconstruction of orbital floor defects assisted by transantral endoscopy

Lucas Borin Moura: DDS. PhD Student, Department of Diagnosis and Surgery, Division of Oral and Maxillofacial Surgery, Dental School at Araraquara - Unesp, Araraquara-SP, Brazil. Absence of any conflicts of interests. E-mail: lucasbmoura@gmail.com

Marisa Aparecida Cabrini Gabrielli: DDS, MS, PhD. Associate Professor, Department of Diagnosis and Surgery, Division of Oral and Maxillofacial Surgery, Dental School at Araraquara - Unesp, Araraquara-SP, Brazil. Absence of any conflicts of interests. E-mail: macg@foar.unesp.br

Mario Francisco Real Gabrielli: DDS, MD, MS, PhD. Chairman Professor, Department of Diagnosis and Surgery, Division of Oral and Maxillofacial Surgery, Dental School at Araraquara - Unesp, Araraquara-SP, Brazil. Absence of any conflicts of interests. E-mail: mfrg@foar.unesp.br

Valfrido Antonio Pereira Filho: DDS, MS, PhD. Associate Professor, Department of Diagnosis and Surgery, Division of Oral and Maxillofacial Surgery, Dental School at Araraquara - Unesp, Araraquara-SP, Brazil. Absence of any conflicts of interests. E-mail: dinho@foar.unesp.br

Institution where work was performed: Oral and Maxillofacial Surgery Division of the Dental School at Araraquara - Unesp, Araraquara-SP, Brazil.

Corresponding author full Address: Lucas Borin Moura. Dental School at Araraquara – Unesp – Brazil. Rua: Humaitá, 1680 – Araraquara – SP – Brazil - ZIP CODE: 14801-903. Email: lucasbmoura@gmail.com

Artigo publicado em: Oral and Maxillofacial Surgery, 2017 Mar;21(1):65-68 doi:10.1007/s10006-016-0584-z. Epub 2016 Oct 14 (ANEXO B)

Abstract

Purpose: The goal of orbital reconstruction is to restore anatomy, volume and function. In extensive orbital floor defects, the visualization of the posterior area is limited through inferior eyelid incisions. The use of endoscope may improve the treatment however it is a high sensitive technique. The aim of this case series is to describe the combination of inferior eyelid incision with transantral endoscopy for treatment of extensive orbital floor defects. *Methods:* Three patients were submitted to orbital reconstruction and the postoperative CT scans were evaluated to analyze the orbital volume and anteroposterior globe position. Surgical treatment were performed using subciliary inferior palpebral approach to explore the orbital floor and placement of the titanium mesh and an intraoral antrostomy for endoscopy to magnification of the surgical field and adaptation of the mesh. *Results:* Postoperative CT scan analysis shows that all treatments restored orbital volume and globe position without compression or damage of the optical nerve. *Conclusion:* The use of endoscope allowed the precise visualization of the posterior region of the orbit and adaptation of the titanium mesh.

Key words: Blowout fracture. Endoscopic repair. Orbital floor. Tomography.

Introduction

Orbital fractures represent more than 40% of all midface fractures. The most prevalent regions are the orbital floor and medial wall [1]. The resulting bone defects may cause a prolapse of orbital content to paranasal sinuses and the entrapment of extraocular muscles [2]. When this occurs, diplopia, enophthalmos, dystopia and ocular movement restriction can be present and surgical treatment is recommended [1-4]. Traditionally, the treatment of orbital floor fractures is performed by inferior eyelid incisions [5]. However, in extensive bone defects the visualization of posterior orbit and the adaptation of implants can be difficult through those incisions [2,6].

The use of endoscope in orbital fractures allows a better evaluation and visualization of bone defects and treatment improvement [7]. Small fractures of medial wall and/or orbital floor can be treated only by transnasal or transantral endoscopy without skin incisions [2,8]. However, in extensive fractures the reconstruction only with endoscope is difficult and require a high sensitivity technique [8]. Alternatively, the combination of inferior eyelid incision and endoscopy are used to treat this kind of fracture [3]. Palpebral approaches provide an easy access for implants and the endoscopy allows the visualization of the posterior region [5,7]. The aim of this case series is to describe the reconstruction of extensive orbital floor defects using a combination of palpebral approach and transantral endoscopy and the advantage to use this combination.

Case series

Three patients with extensive orbital floor defects were selected to orbital reconstruction using titanium mesh. All patients were treated by inferior eyelid incision and intraoral antrostomy with transantral endoscopy. The patients were placed in reverse trendelemburg position to facilitate the use of endoscope. The subciliary approach was chosen allowing adequate exposure of the orbital walls. Simultaneously, through an intraoral incision, a bone window (2cm width x 1cm height) was performed in the anterior wall of maxillary sinus, observing a distance of 5mm from apex of the teeth and infraorbital foramen. A 30-degree endoscope was used to explore the maxillary sinus, to remove the sinus mucosa around the fracture and verify defect extension and orbital tissue prolapse (Figure 1). The titanium mesh was placed through palpebral approach. The implant adaptation and absence of entrapment of extraocular muscles were verified using transantral endoscopy (Figure 2).

A volumetric evaluation of postoperative CT scans was realized to compare reconstructed and healthy orbits. The DICOM files were imported into software OnDemand 3D 1.0.7.0295 (Cybermed, Seoul, Korea) to make tridimensional volumes and axial, coronal and sagittal slices. The volumes were reoriented to standardize the head position of all patients. Continuous images with 1-mm thickness were obtained from coronal slices. The initial image was the first slice that showed all orbital rim and the final image was the end of orbital cone. Based on Cavalieri's principle the sum of areas of the images results in a volume. Differences between orbits up to 8% are considered anatomical [9].

From the axial slice in center of the orbit, the anteroposterior position of the eyeball was evaluated. On this image was measured the distance from the posterior region of the central section of eyeball to a line formed between the zygomatic regions bilaterally [10]. Differences up to 2 mm are considered anatomically normal

[10]. Table 1 shows defects classification, orbital volumes and difference between the anteroposterior position of eyeballs.

Patient #1

A 28-year-old healthy woman suffered car accident 17 days before consult. Physical examination showed a lower eyelid scar, upper eyelid ptosis, enophthalmos, ocular movement restriction and diplopia in left eye. CT scan demonstrated left orbital floor fracture with extension to posterior region and involvement of inferior orbital fissure, size more than $2cm^2$, a category IV defect [11]. Using the described technique, a titanium mesh was placed to reconstruct the orbit. In the early postoperative period was verified excessive ocular scleral exposure due to scar retraction. The treatment was local physiotherapy. In a month follow-up, there was a resolution of clinical complaints. Volumetric analysis and the eyeball position are according to anatomical limits.

Patient #2

A 19-year-old healthy woman was attended in Emergency Hospital due to car accident. Physical examination showed diplopia and ocular movement restriction to up and down. In CT scan was observed a category III [11] defect of right orbital floor with involvement of inferior orbital fissure. The combination of inferior eyelid incision with transantral endoscopy allowed the signal and symptomatology resolution and restoration of orbital volume and anteroposterior eyeball position.

Patient #3

A 33-year-old man admitted in Intensive Care Unit due to car accident with multiple body fractures. Oral and maxillofacial evaluation was required due associated facial trauma. In physical exam, the patient was sedated and unresponsive. A facial asymmetry in left zygomatic region was observed. CT scan showed zygomatic fracture with extensive orbital defect in floor and medial wall – Category IV [11]. Surgical treatment was performed using the combination of approaches and a supraciliary approach to reduce the sphenozygomatic suture. Postoperative period was uneventful, however due to systemic injuries the patient died.

Discussion

Usually, orbital floor fractures are comminuted and these bone defects may extend to posterior area or medial wall according to trauma intensity [3,12]. Inadequate treatment may lead to sequelae such as diplopia, increased orbital volume and enophthalmos, ocular movement restriction due to entrapment of extraocular muscles, infraorbital nerve paresthesia and blindness [4]. All reported cases had indication of surgical treatment due to presence of orbital defects larger than 2 cm^2, enophthalmos, diplopia and orbital content prolapse.

The goal of orbital reconstruction is to restore anatomy, volume and function. However, the visualization and adaptation of implants in posterior area defects can be difficult through palpebral approaches [3]. The use of endoscopy allow magnification and visualization of all surgical field [3]. Trapdoor fractures and small defects can be treated through endoscopic approach without skin incisions, but extensive defects require high technical sensitivity for placement of implants [5-6]. Therefore, due to the extension of the defects we use the combination between eyelid incision and transantral endoscopy to optimize the visualization and treatment of the patients.

The maxillary sinus represents an adjacent cavity to the orbital floor and can be used for endoscopic approach [7]. The use of 30-degrees endoscope may improve the orientation of surgeon and help to identify anatomical structures such as orbital floor and bone defects, prolapsed tissue, infraorbital nerve and maxillary sinus ostium [13]. In addition, the endoscope allows better understanding of the characteristics of the fracture and improve the adaptation of the implants [8].

The described combination of approaches shows few limitation or disadvantages. The possibility of obvious scars and complications in eyelid incisions are discussed in literature. However, complications are present in only 5% of cases and are less common in isolated orbital wall fractures [2]. In this case series was observed a transient excessive exposure of eye sclera. Transantral endoscopy complications are rare and related to their isolated use by inexperienced operator [4]. However, the antrostomy is associated to postoperative paresthesia and is contraindicated for children when the dental germs are present adjacent to a small maxillary sinus [5].

In this case series, the described technique allowed a simplified approach to orbital floor fractures, examination of defects extension and titanium mesh positioning. In all reconstructions the orbital volume was restored observing anatomical differences of up to 8% [9]. The greatest difference between the orbital volume was verified in patient #3. This patient had a zygomatic fracture involving the lateral wall which causes an increase of orbital volume. In addition, the increased volume is related to the major difference between the anteroposterior eyeball position observed in Table 1. However, all values are within the normal anatomical differences.

In conclusion, the combination of eyelid incision and transantral endoscopy is a simple and easy technique that allows to optimize the visualization and reconstruction of orbital floor. The postoperative CT scan analysis shows that all treatments restored orbital volume and globe position.

References

1. Ellis E 3rd (2012) Orbital trauma. Oral Maxillofac Surg Clin North Am 24:629-648. doi:10.1016/j.coms.2012.07.006
2. Farwell DG, Strong EB (2007) Endoscopic repair of orbital floor fractures. Otolaryngol Clin North Am 40:319-328.
3. Nahlieli O, Bar-Droma E, Zagury A et al (2007) Endoscopic intraoral plating of orbital floor fractures. J Oral Maxillofac Surg 65:1751-1757.
4. Lee DG, Cho KS, Kim HJ, Roh HJ (2012) Cerebrospinal fluid rhinorrhea as a complication of endoscopic endonasal reduction of blowout fractures. J Laryngol Otol 126:942-945. doi: 10.1017/S0022215112001399
5. Kakibuchi M, Fukazawa K, Fukuda K et al (2004) Combination of transconjuntival and endonasal-transantral approach in the repair of blowout fractures involving the orbital floor. Br J Plast Surg 57:37-44.
6. Pham AM, Strong EB (2006) Endoscopic management of facial fractures. Curr Opin Otolaryngol Head Neck Surg 14:234-241.
7. Schubert W, Jenabzadeh K (2009) Endoscopic approach to maxillofacial trauma. J Craniofac Surg 20:154-156. doi: 10.1097/SCS.0b013e318191cfb8
8. Strong EB, Kim KK, Diaz RC (2004). Endoscopic approach to orbital blowout fracture repair. Otolaryngol Head Neck Surg 131:683-695.
9. Parson GS, Mathog RH (1988) Orbital wall and volume relationships. Arch Otolaryngol Head Neck Surg 114:743-747.
10. Strianese D, Piscopo R, Elefante A et al (2013) Unilateral proptosis in thyroid eye disease with subsequente contralateral involvement: retrospective follow-up. BMC Ophthalmol 13:1-9. doi: 10.1186/1471-2415-13-21.
11. Jaquiéry C, Aeppli C, Cornelius P, Palmowsky A, Kunz C, Hammer B (2007) Reconstruction of orbital wall defects: critical review of 72 patients. Int J Oral Maxillofac Surg 36:193-199.
12. Park AH, Diaz JÁ (2008) A different approach to orbital blow out fractures: microscope-assisted reconstruction of the orbital floor. Int J Pediatr Otorhinolaryngol 72:707-710. doi: 10.1016/j.ijporl.2008.01.016
13. Moore CC, Bromwich M, Roth K, Matic DB (2008) Endoscopic anatomy of the orbital floor and maxillary sinus. J Craniofac Surg 19:271-276. doi: 10.1097/SCS.0b013e31815ca18b

Table 1. Patient and orbital characteristics, orbital volume and difference between the orbits.

Patient	Orbital volume (cm³)		Difference (%)	Difference of anteroposterior globe position (mm)
	Healthy orbit	Reconstructed orbit		
Patient #1	15.309	15.318	0.06	1.2
Patient #2	13.677	14.503	6.04	1.1
Patient #3	13.309	12.740	-4.28	-1.9

Figure 1. Endoscopic view of orbital floor fracture.

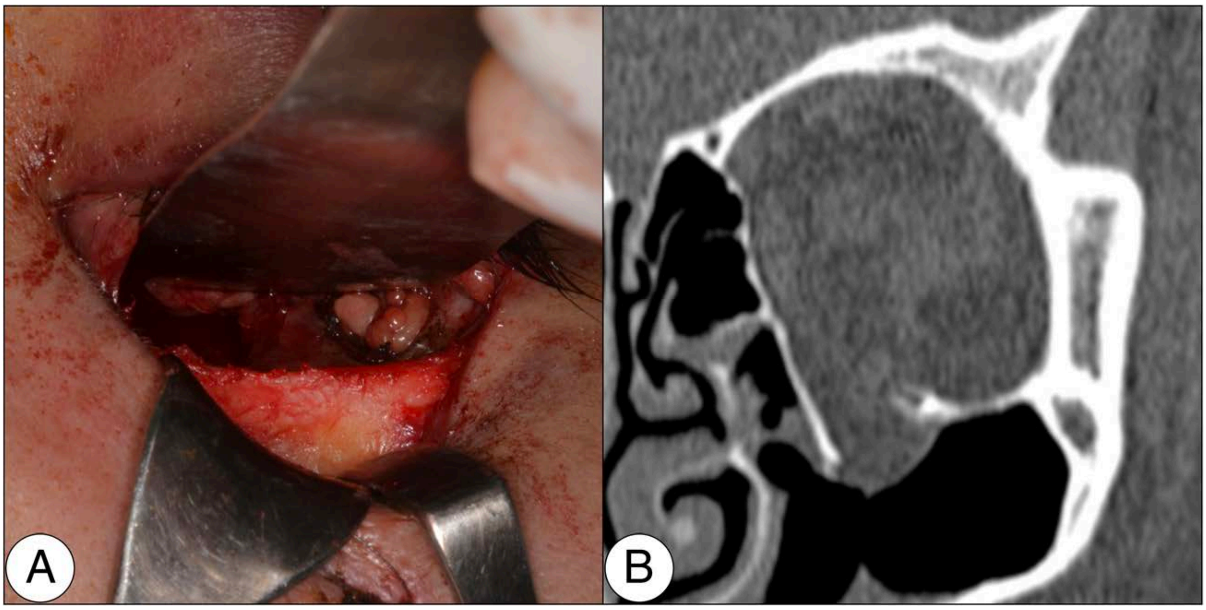
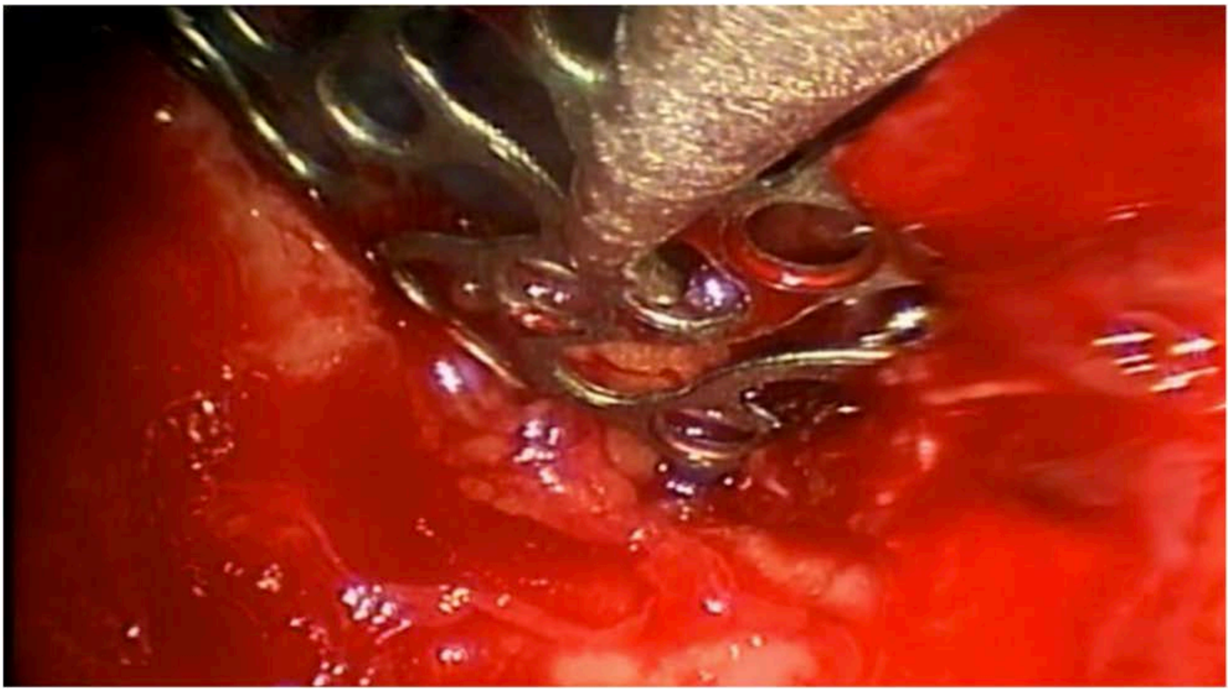


Figure 2. Endoscopic view of titanium mesh positioning and bone defect extension.



6 ARTIGO 4 – Three-dimensional printed model and transantral endoscopy to orbital fracture repair*

Three-Dimensional Printed Model and Transantral Endoscopy to Orbital Fracture Repair

Short title: Combined management to orbital fracture

Lucas Borin Moura[a], Pedro Henrique de Azambuja Carvalho[a], Marisa Aparecida Cabrini Gabrielli[a], Valfrido Antonio Pereira Filho[a]

[a] São Paulo State University (Unesp), School of Dentistry, Araraquara

Institution where the work was performed: Department of Diagnosis and Surgery, School of Dentistry, São Paulo State University (Unesp)

Corresponding author full address:

Lucas Borin Moura

Department of Diagnosis and Surgery, School of Dentistry, Araraquara

São Paulo State University (Unesp)

Humaitá St. 1680, 14801-903, Araraquara, São Paulo, Brazil

E-mail: lucasbmoura@gmail.com

*Artigo publicado em: Journal of Craniofacial Surgery, 2018 May 31 – doi:10.1097/SCS.0000000000004636 [Epub ahead of print] (ANEXO C)

Abstract

Orbital fractures are high prevalent and result in several complications such as diplopia, muscular entrapment, visual impairment and enophthalmos. The goal of orbital reconstruction is to restore orbital anatomy, volume, and globe symmetry. This case report aims to describe the use of transantral endoscopy and 3D printed model for treatment of an orbital floor fracture. A 54-year-old woman presented orbital floor fracture with diplopia and extraocular muscle entrapment. The surgical treatment was performed using a standard titanium mesh bended over 3D printed model, and transantral endoscopy to verify fracture extension and implant adaptation. The postoperative evaluation demonstrates correction of diplopia and ocular motility restriction. CT scan showed reestablishment of the orbital anatomy. The association of transantral endoscopy and 3D printed models is a feasible technique to improve orbital reconstruction.

Key words: blowout fracture; endoscopic repair, orbital floor; three dimensional printing.

Introduction

Orbital fractures are highly prevalent in facial trauma and may result in several complications including diplopia, extraocular muscle entrapment, visual impairment, and enophthalmos (1,2). Treatment goal is to restore bone anatomy, orbital volume, soft tissue position, and the globe symmetry (3,4). Several materials are used for orbital reconstruction with success, however the shaping and adaptation in the posterior area can be challenging (5,6). The use of transantral endoscopy helps to verify the defect size and implant adaptation (5,6). Moreover, 3D printed models has been used to planning and implant pre-bending for orbital reconstruction (7).

Clinical Report

A 54-year-old woman was evaluated in the Division of Oral and Maxillofacial Surgery of São Paulo State University after a motorcycle accident. Initial examination showed left periorbital ecchymosis, isochoric pupils, preserved pupillary light reflex, and binocular diplopia with limitation of upper gaze in the left eye. CT scan demonstrated an orbital floor fracture with tissue herniation without inferior orbital fissure involvement (Figure 1a). Surgical planning was orbital reconstruction using prebent titanium mesh assisted by transantral endoscopy.

The 3D printed model was obtained from CT scan data. Preoperatively a standard titanium mesh (MODUS Mesh, Medartis®, Switzerland) was adapted to fit the 3D printed model and cover the orbital defect (Figure 1b). The surgical procedure was performed using a combination of intraoral and subciliary approaches. Transantral endoscopy was used to remove bone fragments and to verify the mesh adaptation in the posterior edge (Figure 1c). The postoperative period was uneventful, the diplopia and eye motility restriction were corrected. Hertel exophthalmometry measurement showed 1 mm of enophthalmos, and the postoperative CT scan demonstrate correct anatomic contour of the mesh (Figure 1d).

Discussion

The treatment of orbital fractures must restore the anatomy, volume , and function (5), however it can be challenging due to the complex tridimensional anatomy of the orbit (8). Therefore, the purposed surgical plan included the association of two techniques: transantral endoscopy and 3D printed model.

The visualization of all orbital defect is a key factor for success in orbital reconstruction. Thus, transantral endoscopy allows to improve magnification and visualization of the surgical field and implant adaptation (9). Moreover, it is possible to understand the characteristics of the fracture and amount of herniated tissue, also to remove bone fragments (5,10). The disadvantages are increased surgical time, learning curve, and necessity of another surgical approach (5,10).

In orbital fractures, patient-specific implants can be performed over the original or mirrored 3D printed model (4,7,8). Most of complications are associated with the incorrect orbital anatomy reestablishment, resulting in an increased orbital volume, enophthalmos and diplopia (4). Precise positioning and adaptation of the mesh is important to restore the orbital anatomy, especially when the posterior medial bulge is involved by the fracture (4). The use of 3D printed model allowed to pre-bend the titanium mesh according to the patient’s anatomy, and to cover all orbital defect.

Nowadays, 3D printers and endoscopes are more available at hospitals, and their use can improve orbital reconstruction outcomes with relative low cost, similar surgical time, and optimal visualization of fracture and implant. In the reported case the preoperative condition was solved using those tools.

Acknowledgments

The authors thank the funding agency FAPESP (Foundation for Research Support of São Paulo) for the support of this work (FAPESP process: 2015/04521-0).

References

1. Farwell DG, Strong EB. Endoscopic repair of orbital floor fractures. *Otolaryngol Clin North Am* 2007;40:319-28.

2. Scolozzi P, Jaques B. Computer-aided Volume Measurement of Posttraumatic Orbits Reconstructed With AO Titanium Mesh Plates: Accuracy and Reliability. *Ophthal Plast Reconstr Surg* 2008;24:383-89.

3. Ellis E, 3rd. Orbital trauma. *Oral Maxillofac Surg Clin North Am* 2012;24:629-48.

4. Tarsitano A, Badiali G, Pizzigallo A, et al. Orbital Reconstruction: Patient-Specific Orbital Floor Reconstruction Using a Mirroring Technique and a Customized Titanium Mesh. *J Craniofac Surg* 2016;27:1822-25.

5. Moura LB, Gabrielli MA, Gabrielli MF, et al. Reconstruction of orbital floor defects assisted by transantral endoscopy. *Oral Maxillofac Surg* 2017;21:65-68.

6. Kakibuchi M, Fukazawa K, Fukuda K, et al. Combination of transconjunctival and endonasal-transantral approach in the repair of blowout fractures involving the orbital floor. *Br J Plast Surg* 2004;57:37-44.

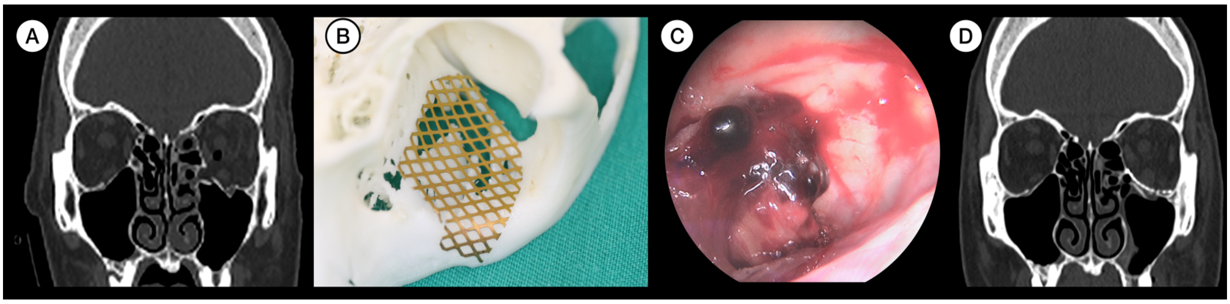
7. Kim YC, Jeong WS, Park TK, et al. The accuracy of patient specific implant prebented with 3D-printed rapid prototype model for orbital wall reconstruction. *J Craniomaxillofac Surg* 2017;45:928-36.

8. Oh TS, Jeong WS, Chang TJ, et al. Customized Orbital Wall Reconstruction Using Three-Dimensionally Printed Rapid Prototype Model in Patients With Orbital Wall Fracture. *J Craniofac Surg* 2016;27:2020-24.

9. Nahlieli O, Bar-Droma E, Zagury A, et al. Endoscopic intraoral plating of orbital floor fractures. *J Oral Maxillofac Surg* 2007;65:1751-7.

10. Strong EB, Kim KK, Diaz RC. Endoscopic approach to orbital blowout fracture repair. *Otolaryngol Head Neck Surg* 2004;131:683-95.

Figure 1. a. Preoperative CT scan. **b.** Titanium mesh bending in 3D printed model. **c.** Defect view through transantral endoscopy. **d.** Postoperative CT scan.



7 CONCLUSÃO

A partir da metodologia aplicada nesta série de estudos foi possível concluir que:

1) A reconstrução orbitária por meio de malhas de titânio convencionais reestabeleceu o volume orbitário e a posição tomográfica anteroposterior do globo ocular, independentemente do tipo e da severidade do defeito orbitário presente;
2) Ambos os métodos para análise do volume orbitário, segmentação automática e seccionamento de imagens, se apresentaram viáveis;
3) A metodologia aplicada para segmentação de estruturas orbitárias por meio de exames tomográficos e de ressonância magnética permitiu a confecção de um modelo digital da completo cavidade orbitária;
4) A análise por meio de elementos finitos verificou que o mecanismo hidráulico resulta em uma pequena área de estresse na parede medial, enquanto que o mecanismo de trauma direto ao rebordo resulta em uma grande área de estresse no assoalho orbitário;
5) A gordura orbitária e os músculos extraoculares tem um papel importante na absorção das forças e na distribuição para as paredes orbitárias;
6) Para a otimização do tratamento de fraturas orbitárias, técnicas adjuntas como endoscopia transantral e modelos tridimensionais podem ser utilizadas;
7) A endoscopia permitiu a visualização de todos os bordos do defeito orbitário no assoalho, assim como a verificação do correto posicionamento da malha de titânio;
8) O modelo impresso permitiu a melhor conformação e adaptação da malha de titânio.

REFERÊNCIAS [1]

1. Wang S, Xiao J, Liu L, Lin Y, Li X, Tang W, et al. Orbital floor reconstruction: a retrospective study of 21 cases. Oral Surg Oral Med Oral Pathol Oral Radiol Endod. 2008; 106(3): 324-30.
2. Ramieri G, Spada MC, Bianchi SD, Berrone S. Dimensions and volumes of the orbit and orbital fat in posttraumatic enophthalmos. Dentomaxillofac Radiol. 2000; 29(5): 302-11.
3. Jaquiery C, Aeppli C, Cornelius P, Palmowsky A, Kunz C, Hammer B. Reconstruction of orbital wall defects: critical review of 72 patients. Int J Oral Maxillofac Surg. 2007; 36(3): 193-9.
4. Haug RH, Van Sickels JE, Jenkins WS. Demographics and treatment options for orbital roof fractures. Oral Surg Oral Medi Oral Pathol Oral Radiol Endod. 2002; 93(3): 238-46.
5. Scolozzi P, Jaques B. Computer-aided volume measurement of posttraumatic orbits reconstructed with AO titanium mesh plates: accuracy and reliability. Ophthalmic Plast Reconstr Surg. 2008; 24(5): 383-9.
6. Schmutz B, Rahmel B, McNamara Z, Coulthard A, Schuetz M, Lynham A. Magnetic resonance imaging: an accurate, radiation-free, alternative to computed tomography for the primary imaging and three-dimensional reconstruction of the bony orbit. J Oral Maxillofac Surg. 2014; 72(3): 611-8.
7. Smith B, Regan WFJ. Blow-out fracture of the orbit; mechanism and correction of internal orbital fracture. Am J Ophthalmol. 1957; 44(6): 733-9.
8. Fan X, Li J, Zhu J, Li H, Zhang D. Computer-Assisted Orbital Volume Measurement in the Surgical Correction of Late Enophthalmos Caused by Blowout Fractures. Ophthalmic Plast Reconstr Surg. 2003; 19(3): 207-11.
9. Tahernia A, Erdmann D, Follmar K, Mukundan S, Grimes J, Marcus JR. Clinical implications of orbital volume change in the management of isolated and zygomaticomaxillary complex-associated orbital floor injuries. Plast Reconstr Surg. 2009; 123(3): 968-75.

[1] De acordo com o Guia de Trabalhos Acadêmicos da FOAr, adaptado das Normas Vancouver. Disponível no site da Biblioteca: http://www.foar.unesp.br/Home/Biblioteca/guia-de-normalizacao-marco-2015.pdf

10. Dingman RO, Natvig P. Surgery of facial fractures. Philadelphia: WB Saunder; 1964. p. 234-5.
11. Cho RI, Davies BW. Combined orbital floor and medial wall fractures involving the inferomedial strut: repair technique and case series using preshaped porous polyethylene/titanium implants. Craniomaxillofac Trauma Reconstr. 2013; 6(3): 161-70.
12. Schaller A, Huempfner-Hierl H, Hemprich A, Hierl T. Biomechanical mechanisms of orbital wall fractures - a transient finite element analysis. J Craniomaxillofac Surg. 2013; 41(8): 710-7.
13. Ahmad F, Kirkpatrick NA, Lyne J, Urdang M, Waterhouse N. Buckling and hydraulic mechanisms in orbital blowout fractures: fact or fiction? J Craniofac Surg. 2006; 17(3): 438-41.
14. Huempfner-Hierl H, Schaller A, Hierl T. Biomechanical investigation of the supraorbital arch - a transient FEA study on the impact of physical blows. Head Face Med. 2014; 10: 13.
15. Nagasao T, Miyamoto J, Shimizu Y, Jiang H, Nakajima T. What happens between pure hydraulic and buckling mechanisms of blowout fractures? J Craniomaxillofac Surg. 2010; 38(4): 306-13.
16. Hammer B, Prein J. Correction of post-traumatic orbital deformities: operative techniques and review of 26 patients. J Craniomaxillofac Surg. 1995; 23(2): 81-90.
17. Oh SA, Aum JH, Kang DH, Gu JH. Change of the orbital volume ratio in pure blow-out fractures depending on fracture location. J Craniofac Surg. 2013; 24(4): 1083-7.
18. Tang W, Guo L, Long J, Wang H, Lin Y, Liu L, et al. Individual design and rapid prototyping in reconstruction of orbital wall defects. J Oral Maxillofac Surg. 2010; 68(3): 562-70.
19. Gellrich NC, Schramm A, Hammer B, Rojas S, Cufi D, Lagreze W, et al. Computer-assisted secondary reconstruction of unilateral posttraumatic orbital deformity. Plast Reconstr Surg. 2002; 110(6): 1417-29.
20. Cunningham LL, Peterson GP, Haug RH. The relationship between enophthalmos, linear displacement, and volume change in experimentally recreated orbital fractures. J Oral Maxillofac Surg. 2005; 63(8): 1169-73.

21. Klein M, Glatzer C. Individual CAD/CAM fabricated glass-bioceramic implants in reconstructive surgery of the bony orbital floor. Plast Reconstr Surg. 2006; 117(2): 565-70.
22. Liu XZ, Shu DL, Ran W, Guo B, Liao X. Digital surgical templates for managing high-energy zygomaticomaxillary complex injuries associated with orbital volume change: a quantitative assessment. J Oral Maxillofac Surg. 2013; 71(10): 1712-23.
23. Ploder O, Klug C, Backfrieder W, Voracek M, Czerny C, Tschabitscher M. 2D- and 3D-based measurements of orbital floor fractures from CT scans. J Craniomaxillofac Surg. 2002; 30(3): 153-9.
24. Bly RA, Chang SH, Cudejkova M, Liu JJ, Moe KS. Computer-guided orbital reconstruction to improve outcomes. JAMA Facial Plast Surg. 2013; 15(2): 113-20.
25. Clauser L, Galie M, Pagliaro F, Tieghi R. Posttraumatic enophthalmos: etiology, principles of reconstruction, and correction. J Craniofac Surg. 2008; 19(2): 351-9.
26. Bell RB, Markiewicz MR. Computer-assisted planning, stereolithographic modeling, and intraoperative navigation for complex orbital reconstruction: a descriptive study in a preliminary cohort. J Oral Maxillofac Surg. 2009; 67(12): 2559-70.
27. Chang EL, Bernardino CR. Update on orbital trauma. Curr Opin Ophthalmol. 2004; 15(50: 411-5.
28. Piotrowski WP, Beck-Mannagetta J. Surgical techniques in orbital roof fractures: early treatment and results. J Craniomaxillofac Surg. 1995; 23(1): 6-11.
29. Forbes G, Gehring DG, Gorman CA, Brennan MD, Jackson IT. Volume measurements of normal orbital structures by computed tomographic analysis. AJR Am J Roentgenol. 1985; 145(1): 149-54.
30. Parson GS, Mathog RH. Orbital wall and volume relationships. Arch Otolaryngol Head Neck Surg. 1988; 114(7): 743-7.
31. Hammer B, Kunz C, Schramm A, de Roche R, Prein J. Repair of complex orbital fractures: technical problems, state-of-the-art solutions and futureand future perspectives. Ann Acad Med Singapore. 1999; 28(5): 687-91.

32. Brucoli M, Arcuri F, Cavenaghi R, Benech A. Analysis of complications after surgical repair of orbital fractures. J Craniofac Surg. 2011; 22(4): 1387-90.
33. Bite U, Jackson IT, Forbes GS, Gehring DG. Orbital volume measurements in enophthalmos using three-dimensional CT imaging. Plast Reconstr Surg. 1985; 75(4): 502-8.
34. Kim CY, Jeong BJ, Lee SY, Yoon JS. Comparison of surgical outcomes of large orbital fractures reconstructed with porous polyethylene channel and porous polyethylene titan barrier implants. Ophthal Plast Reconstr Surg. 2012; 28(3): 176-80.
35. Jin H-R, Shin S-O, Choo M-J, Choi Y-S. Relationship between the extent of fracture and the degree of enophthalmos in isolated blowout fractures of the medial orbital wall. J Oral Maxillofac Surg. 2000; 58(6): 617-20.
36. Han HH, Park SW, Moon SH, Seo BF, Rhie JW, Ahn ST, et al. Comparative orbital volumes between a single incisional approach and a double incisional approach in patients with combined blowout fracture. Biomed Res Int. 2015; 2015: 982856.
37. Zavattero E, Ramieri G, Roccia F, Gerbino G. Comparison of the outcomes of complex orbital fracture repair with and without a surgical navigation system: a prospective cohort study with historical controls. Plast Reconstr Surg. 2017; 139(4): 957-65.
38. Holck DEE, Boyd EM, Ng J, Mauffray RO. Benefits of stereolithography in orbital reconstruction. Ophthalmology. 1999; 106(6): 1214-18.
39. Metzger MC, Schon R, Weyer N, Rafii A, Gellrich NC, Schmelzeisen R, et al. Anatomical 3-dimensional pre-bent titanium implant for orbital floor fractures. Ophthalmology. 2006; 113(10): 1863-8.

ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética (CEP)

FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE ARARAQUARA - UNESP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Avaliação volumétrica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio - Estudo Retrospectivo

Pesquisador: Valfrido Antonio Pereira Filho

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 44029115.9.0000.5416

Instituição Proponente: Faculdade de Odontologia de Araraquara - UNESP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.220.481

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado " Avaliação volumétrica de fraturas orbitárias unilaterais tratadas por meio de malhas de titânio- Estudo retrospectivo" é classificado como um estudo retrospectivo usando 60 tomografias de pacientes que tiveram fraturas orbitárias unilaterais tratadas por malha de titânio, sendo avaliados os volumes orbitários das duas órbitas, íntegra e reconstituída. Pretende testar a hipótese de que reconstruções de fraturas orbitárias tratadas por malhas de titânio atingem o objetivo de restabelecimento do volume orbitário. Os critérios de inclusão e de exclusão estão bem definidos e o delineamento experimental adequado.

Objetivo da Pesquisa:

Avaliar por meio de tomografias pertencentes ao banco de imagens da Disciplina de CTBMF- FOAr – Unesp, o volume de cavidades orbitárias de pacientes com fraturas orbitárias unilaterais envolvendo uma ou mais paredes, submetidos a reconstrução cirúrgica por meio de malhas de titânio.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avaliação dos Riscos: O único risco que pode existir é a exposição da identidade dos pacientes entretanto o pesquisador garante que para a análise volumétrica das órbitas através de tomografias, a identidade dos pacientes será preservada. Neste tipo de análise não existem riscos

para o pesquisador.
Benefícios : Não haverá benefícios diretos para os pacientes já tratados, mas os resultados desta pesquisa poderão beneficiar pacientes tratados por este método no futuro.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O desenho experimental e a metodologia que será utilizada foram apresentados de modo objetivo, mostrando que o trabalho será realizado dentro das normas éticas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador solicitou e justificou a dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, adequou os termos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo APROVADO em reunião de 09 de Setembro de 2015.
O pesquisador deverá encaminhar relatórios parciais a cada 01 (um) ano até o prazo final da pesquisa, quando deverá encaminhar o relatório final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Banco Imagens.pdf	12/03/2015 16:52:52		Aceito
Outros	Ressarcimento gastos.pdf	12/03/2015 16:55:23		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_479035.pdf	12/03/2015 17:52:18		Aceito
Outros	Termo de Cumprimento.pdf	30/03/2015 10:27:43		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_479035.pdf	30/03/2015 10:29:07		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_479035.pdf	13/05/2015 13:00:57		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_479035.pdf	30/06/2015 09:47:27		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Lucas Borin-2015.pdf	13/08/2015 18:05:14		Aceito

Outros	Solicitação dispensa do TCLE.pdf	13/08/2015 18:06:13		Aceito
Folha de Rosto	Folha Rosto.pdf	13/08/2015 18:05:06		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_479035.pdf	13/08/2015 18:07:15		Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

ARARAQUARA, 09 de Setembro de 2015

Assinado por:
Lígia Antunes Pereira Pinelli
(Coordenador)

Endereço: HUMAITA 1680
Bairro: CENTRO **CEP:** 14.801-903
UF: SP **Município:** ARARAQUARA
Telefone: (16)3301-6459 **E-mail:** cep@foar.unesp.br

ANEXO B – Permissão para publicação do artigo 3 em tese

SPRINGER LICENSE
TERMS AND CONDITIONS

Nov 16, 2017

This Agreement between Dr. Lucas Borin Moura ("You") and Springer ("Springer") consists of your license details and the terms and conditions provided by Springer and Copyright Clearance Center.

License Number	4230880529879
License date	Nov 16, 2017
Licensed Content Publisher	Springer
Licensed Content Publication	Oral and Maxillofacial Surgery
Licensed Content Title	Reconstruction of orbital floor defects assisted by transantral endoscopy
Licensed Content Author	Lucas Borin Moura, Marisa Aparecida Cabrini Gabrielli, Mario Francisco Real Gabrielli et al
Licensed Content Date	Jan 1, 2016
Licensed Content Volume	21
Licensed Content Issue	1
Type of Use	Thesis/Dissertation
Portion	Full text
Number of copies	1000000
Author of this Springer article	Yes and you are the sole author of the new work
Order reference number	
Title of your thesis / dissertation	AVALIAÇÃO TOMOGRÁFICA DE FRATURAS ORBITÁRIAS UNILATERAIS TRATADAS POR MEIO DE MALHAS DE TITÂNIO E VALIDAÇÃO DA FISIOPATOLOGIA DO TRAUMA ORBITÁRIO POR MEIO DE ELEMENTOS FINITOS
Expected completion date	Mar 2018
Estimated size(pages)	100
Requestor Location	Dr. Lucas Borin Moura Rua Humaita 1860 Araraquara, São Paulo 14801-903 Brazil Attn: Dr. Lucas Borin Moura
Billing Type	Invoice
Billing Address	Dr. Lucas Borin Moura Rua Humaita 1860 Araraquara, Brazil 14801-903 Attn: Dr. Lucas Borin Moura

Total 0.00 USD

Terms and Conditions

Introduction
The publisher for this copyrighted material is Springer. By clicking "accept" in connection with completing this licensing transaction, you agree that the following terms and conditions apply to this transaction (along with the Billing and Payment terms and conditions established by Copyright Clearance Center, Inc. ("CCC"), at the time that you opened your Rightslink account and that are available at any time at http://myaccount.copyright.com).
Limited License
With reference to your request to reuse material on which Springer controls the copyright, permission is granted for the use indicated in your enquiry under the following conditions:
- Licenses are for one-time use only with a maximum distribution equal to the number stated in your request.
- Springer material represents original material which does not carry references to other sources. If the material in question appears with a credit to another source, this permission is not valid and authorization has to be obtained from the original copyright holder.
- This permission
• is non-exclusive
• is only valid if no personal rights, trademarks, or competitive products are infringed.
• explicitly excludes the right for derivatives.
- Springer does not supply original artwork or content.
- According to the format which you have selected, the following conditions apply accordingly:
• **Print and Electronic:** This License include use in electronic form provided it is password protected, on intranet, or CD-Rom/DVD or E-book/E-journal. It may not be republished in electronic open access.
• **Print:** This License excludes use in electronic form.
• **Electronic:** This License only pertains to use in electronic form provided it is password protected, on intranet, or CD-Rom/DVD or E-book/E-journal. It may not be republished in electronic open access.
For any electronic use not mentioned, please contact Springer at permissions.springer@spi-global.com.
- Although Springer controls the copyright to the material and is entitled to negotiate on rights, this license is only valid subject to courtesy information to the author (address is given in the article/chapter).
- If you are an STM Signatory or your work will be published by an STM Signatory and you are requesting to reuse figures/tables/illustrations or single text extracts, permission is granted according to STM Permissions Guidelines: http://www.stm-assoc.org/permissions-guidelines/
For any electronic use not mentioned in the Guidelines, please contact Springer at permissions.springer@spi-global.com. If you request to reuse more content than stipulated in the STM Permissions Guidelines, you will be charged a permission fee for the excess content.
Permission is valid upon payment of the fee as indicated in the licensing process. If permission is granted free of charge on this occasion, that does not prejudice any rights we might have to charge for reproduction of our copyrighted material in the future.
-If your request is for reuse in a Thesis, permission is granted free of charge under the following conditions:
This license is valid for one-time use only for the purpose of defending your thesis and with

a maximum of 100 extra copies in paper. If the thesis is going to be published, permission needs to be reobtained.
- includes use in an electronic form, provided it is an author-created version of the thesis on his/her own website and his/her university's repository, including UMI (according to the definition on the Sherpa website: http://www.sherpa.ac.uk/romeo/);
- is subject to courtesy information to the co-author or corresponding author.
Geographic Rights: Scope
Licenses may be exercised anywhere in the world.
Altering/Modifying Material: Not Permitted
Figures, tables, and illustrations may be altered minimally to serve your work. You may not alter or modify text in any manner. Abbreviations, additions, deletions and/or any other alterations shall be made only with prior written authorization of the author(s).
Reservation of Rights
Springer reserves all rights not specifically granted in the combination of (i) the license details provided by you and accepted in the course of this licensing transaction and (ii) these terms and conditions and (iii) CCC's Billing and Payment terms and conditions.
License Contingent on Payment
While you may exercise the rights licensed immediately upon issuance of the license at the end of the licensing process for the transaction, provided that you have disclosed complete and accurate details of your proposed use, no license is finally effective unless and until full payment is received from you (either by Springer or by CCC) as provided in CCC's Billing and Payment terms and conditions. If full payment is not received by the date due, then any license preliminarily granted shall be deemed automatically revoked and shall be void as if never granted. Further, in the event that you breach any of these terms and conditions or any of CCC's Billing and Payment terms and conditions, the license is automatically revoked and shall be void as if never granted. Use of materials as described in a revoked license, as well as any use of the materials beyond the scope of an unrevoked license, may constitute copyright infringement and Springer reserves the right to take any and all action to protect its copyright in the materials.
Copyright Notice: Disclaimer
You must include the following copyright and permission notice in connection with any reproduction of the licensed material:
"Springer book/journal title, chapter/article title, volume, year of publication, page, name(s) of author(s), (original copyright notice as given in the publication in which the material was originally published) "With permission of Springer"
In case of use of a graph or illustration, the caption of the graph or illustration must be included, as it is indicated in the original publication.
Warranties: None
Springer makes no representations or warranties with respect to the licensed material and adopts on its own behalf the limitations and disclaimers established by CCC on its behalf in its Billing and Payment terms and conditions for this licensing transaction.
Indemnity
You hereby indemnify and agree to hold harmless Springer and CCC, and their respective officers, directors, employees and agents, from and against any and all claims arising out of your use of the licensed material other than as specifically authorized pursuant to this license.
No Transfer of License
This license is personal to you and may not be sublicensed, assigned, or transferred by you without Springer's written permission.
No Amendment Except in Writing

This license may not be amended except in a writing signed by both parties (or, in the case of Springer, by CCC on Springer's behalf).
Objection to Contrary Terms
Springer hereby objects to any terms contained in any purchase order, acknowledgment, check endorsement or other writing prepared by you, which terms are inconsistent with these terms and conditions or CCC's Billing and Payment terms and conditions. These terms and conditions, together with CCC's Billing and Payment terms and conditions (which are incorporated herein), comprise the entire agreement between you and Springer (and CCC) concerning this licensing transaction. In the event of any conflict between your obligations established by these terms and conditions and those established by CCC's Billing and Payment terms and conditions, these terms and conditions shall control.
Jurisdiction
All disputes that may arise in connection with this present License, or the breach thereof, shall be settled exclusively by arbitration, to be held in the Federal Republic of Germany, in accordance with German law.
Other conditions:
V 12AUG2015

Questions? customercare@copyright.com or +1-855-239-3415 (toll free in the US) or +1-978-646-2777.

ANEXO C – Permissão para publicação do artigo 4 em tese

De: **RLP - Journal Permissions** journalpermissions@lww.com
Assunto: permission to reuse the article in an institutional repository [Case # 01255887] [ref:_00Dd0dixc._5000V1COEKv:ref]
Data: 9 de julho de 2018 16:05
Para: lucasbmoura@gmail.com

Hello Lucas,

Thank you for contacting Wolters Kluwer Permissions Team. As the author of the article, you are permitted to use the **final peer reviewed manuscript** (*post peer-review and acceptance for publication, but prior to publisher's copyediting and formatting*) in your thesis/dissertation. I've included a copy of the Author's Permission Document below for your review. Our terms are standard for all of our Wolters Kluwer authors.

Can you please let us know if your institutional repository (Sao Paulo) is password protected?

Author's Permission Document

If you have any further questions, please let us know.

Thank You,
Chandreyi

Wolters Kluwer Permissions Team
Health Learning, Research & Practice
permissions@lww.com

----------Original Message----------

From: Lucas Moura [lucasbmoura@gmail.com]
Sent: 7/7/2018
To: journalpermissions@lww.com
Subject: permission to reuse the article in an institutional repository

Dear Editor,

Im the author of the following article: Three-Dimensional Printed Model and Transantral Endoscopy to Orbital Fracture Repair (doi: 10.1097/SCS.0000000000004636) published in the Journal of Craniofacial Surgery (Ahead to print).

Im contacting you because this article is part of my PhD thesis, and I should to attach it in the Thesis final version (published as thesis in São Paulo State University repository website - www.foar.unesp.br <https://urldefense.proofpoint.com/v2/url?u=http-3A__www.foar.unesp.br&d=DwMFaQ&c=KWU0n0AYV-PQlv5EyAO4mg&r=AJP33gm5P2H4K-7iOkBFH1KZbUrF6oC44b1oCVACGJQ&m=MlcmS-OYRZ2E9McatPeXy2-G7EmECyWyNduGDRic_Bg&s=iU1VZGy49rV1zPSFx9VA4JU5scl3nY0iL_3aARIPdi8&e=> (Brazil)). Therefore, I will need an authorization letter from you. Is it possible?

I already accessed this link:
https://journals.lww.com/jcraniofacialsurgery/Abstract/publishahead/Three_Dimensional_Printed_Model_and_Transantral.95564.aspx
<https://journals.lww.com/jcraniofacialsurgery/Abstract/publishahead/Three_Dimensional_Printed_Model_and_Transantral.95564.aspx>

However, I had an issue to the permission. If I use in my thesis its allowed. However, to reuse in my institutional repository, its not allowed.

May use solve it?
I hope you understand this unique situation.

Thank you
Best regards

Lucas Borin Moura
Oral and Maxillofacial Surgeon
Professor of Oral Surgery at Catholic University of Pelotas (UCPel)
PhD Researcher at São Paulo State University (Unesp)
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8138110372813592 <http://lattes.cnpq.br/8138110372813592>

ref:_00Dd0dixc._5000V1COEKv:ref